

AUTORES & LIVROS

1-1-1949
Ano IX

Diretor e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 1
Vol. X

PADRE ANTONIO VIEIRA

NASCIMENTO E FAMÍLIA

Antônio Vieira nasceu em Lisboa, na rua dos Cónegos, perto da Sé, em 6 de Fevereiro de 1608. Era filho de Cristóvão Vieira Ravasco e D. Maria de Azevedo. Durante muito tempo foi assunto de discussão o saber-se se ele havia realmente nascido em Portugal, se no Brasil. Em sessão de 13 de Outubro de 1854, Joaquim Norberto apresentou ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro um programa de trabalho que consistia na elucidação dos seguintes pontos: 1º) em que documentos se basearam os biógrafos de Vieira para lhe darem por pátria a cidade de Lisboa?

2º) Depreender-se à leitura de suas obras ser ele filho do Brasil?

3º) Em conclusão, a ser possível, a apresentação da cópia autêntica do seu batismo, que fixe a sua naturalidade.

D. Pedro II distribuiu esse programa ao Arcebispo da Baía, D. Romualdo de Seixas. E as conclusões desse estudo (publicadas na Revista Trimestral, t. XIX) é que não pode haver dúvida acerca da naturalidade do grande pregador. Bastará, entretanto, uma consulta ao tomo VIII dos Sermões de Vieira, impresso em Lisboa em 1694 (três anos antes do seu falecimento) para desvanecer qualquer dúvida. Vemos ali que ele nasceu na capital portuguesa, foi batizado aos 15 de fevereiro de 1608 na Sé da mesma cidade, sendo cura do sacerdote o Padre Jorge Ferdigão. Teve como padrinho o Conde de União, D. Fernando Teles de Meneses. Quanto a seus pais, parecem ter sido de condição diferente. Cristóvão Vieira Ravasco, natural e morador da Vila de Moura. Sua mãe, D. Maria de Azevedo, era natural de Lisboa, filha de Bras Fernandes de Azevedo. Vieira declarou nas respostas ao Santo Ofício (20 de Outubro de 1663) que nada sabia acerca da família de seu avô paterno. O sigilo por ele guardado com referência a esse ramo de sua família, levou os juízes do solerte Tribunal do Santo Ofício a duvidar de que o sangue que lhe corria nas veias fosse inteiramente limpo. Interrogaram várias pessoas, e pelos depoimentos de algumas delas chegaram à conclusão de que Baltazar Vieira Ravasco, antigo criado da Casa de União, tivera conversação com uma malfeita, da qual nasceria Cristóvão Vieira, pai do padre. A vista de tais depoimentos, a Mesa da Inquisição de Coimbra, em 4 de Junho de 1667, proferiu a sua sentença — que constava em que contra o padre Vieira se devia proceder como contra pessoa de cujo sangue nada constava de certo... Contudo, uma informação parece ter ficado assentada dessas investigações inquisitoriais: a saber, que Vieira era mulato. E é esse o dado que achamos estabelecido como coisa definitiva na História da Literatura Portuguesa, de Forjas Sampaio. Houve também a suspeita de que tivesse sangue hebreu, o que nunca se apurou.

VINDA PARA O BRASIL

Cravada a Relação do Brasil, foi Cristóvão Ravasco despedido escrevendo dos Agraves de lá. Em 1614, o pequeno Antônio e sua mãe foram trazidos para o Brasil. Durante a ausência de seu pai (que se prolongou desde 1612, ano em que vieram para o Brasil) viveu sozinho com sua mãe, na fraguesia dos Mártires, numa semi-reclusão em que apenas os distriam os estudos que a criança fazendo.

No Bahia prosseguiu ele com os pais os seus estudos. E logo que lhe foi possível, passou a cursar o Colégio dos Jesuítas. Revelava o desejo de abraçar a vida religiosa, mas não encontrava bons vontade por parte de seu pai, para a realização desse plano.

Conta-se que com 15 anos juiu-giu da rasa paterna para ir matricular-se no Colégio e fazer-se padre. Ali foi recebido com carinho pelo reitor, que era o Padre Fernando Cardim. E a esse tempo de seu noviciado que se prende a história do famoso estalo ocorrido em sua cabeça. Disse que era ele de se empregado entendimento. Tendo rogado um milagre à Virgem das Maravilhas, de quem era devoto, teve um estalo nos molhos, e o seu entendimento se abriu a tudo.

Essa história do estalo era referida pelo próprio Vieira, e foi conservada pelo seu primeiro biógrafo, André de Barros. Contudo, segundo depoimentos desse mesmo André de Barros, ainda na tenra puérícia o travesso Antônio revelava espiritualidade, malícia e graça. Conta o primeiro biógrafo do Padre que certo dia o menino se achava no arco da antiga Sé de Lisboa, quando se aproximou o cônego e lhe perguntou:

— De quem sois, meu menino?

Tornou-lhe a criança, com uma sutileza que já fazia adivinhar o casuista futuro:

— Sou de vossa mercé, pois me chama sen.

Em outra história, também narrada por André de Barros, vemos curioso diálogo. Alguém dirige-se à criança, perguntando-lhe de onde era. Responde esta:

— Vossa mercé não me conhece...

— Eu conheço a metade do mundo — reflexiona a outra pessoa.

E o menino, maldosamente:

— Pois eu, meu senhor, sou da outra metade.

Pouco depois, ao chegar à Bahia, tem outra resposta que lembra a primeira acima citada, a do diálogo com o cônego. É apresentado ao prefeito das classes, e devem conviver a secrétaria dos inícios de estudo de Gramática, a que se vai dedicar o aluno. Pergunta-lhe o mestre:

— De quem sois, meu menino?

Retraca o estudante:

— Vossa Paternidade diz que sou seu, e pergunta-me de quem sou!

Como se vê, são traços que demonstram na criança extraordinária vivacidade. E parece que se, em sua adolescência, por milagre da Virgem das Maravilhas, sofreu o famoso es-

talo, de qual teve consciência, em tempos mais afastados da infância, deve ter sofrido outros estalos, dos quais não se apercebeu...

OS HOLANDESES NA BAHIA

Tinha 16 anos quando ocorreu na Bahia o desembarque dos holandeses, às ordens do almirante Jacob Willekens. Os jesuítas, como os demais habitantes da cidade, refugiaram-se onde pudermos: foram para uma aldeia de índios. Vieira narrou as peripécias dessa fuga em páginas impressionantes.

FASES DE ESTUDOS

A esse tempo já tinha grandes conhecimentos de gramática, retórica e literatura. Já tinha a seu cargo a responsabilidade da redação das cartas anuais e foi em uma delas (na de 1628) que fez a narração dramática da população da Capital do Bahia, diante das tropas de Jacob Willekens. Estuda, também, com amor, como alguém que nesse estudo se muné de uma arma de combate, a língua tupi-guarani. Para evitar as influências da família que se opõe à sua vocação religiosa, mandam-no os superiores a princípio para a aldeia do Espírito Santo, a sete léguas da cidade. Tinham ali um povoado de indígenas aos quais doutrinavam. Vieira esteve algum tempo ali, nesse povoado, que se ergueu à margem do rio Joanes, a uma légua do mar, e que mais tarde se transformou na Vila de Abrantes. Logo, porém, se abrandaram as resistências de sua família. Voltou, então, Antônio à Bahia, e prosseguiu em seus estudos.

Em 1635 ou 1627, foi mandado para o Colégio de Olinda, indo regrer a cadeira de Retórica. Fimdo o seu prazo, foi mandado de regresso à Bahia, e prosseguiu nos estudos de filosofia. Nessa metafísica medieval, os alunos eram exercitados para prodígios de sutileza. Alguns dos assuntos que o estudante Vieira teria a debater:

— A Mãe de Cristo, suposta inferioridade feminil, foi realmente mulher ou varão?

— As almas das plantas e dos brutos são divisíveis?

Estudavam-se assuntos ultratranscendentais, como seja a quantidade de Matéria, e nela (Continua na página seguinte)

NOSSO SISTEMA DE DATA

Com o seu número de hoje, AUTORES E LIVROS inaugura novo sistema de data. Passará a datar os seus fascículos dos dias 1 e 15 de cada mês, como é de hábito entre as publicações quinzenais. Daremos, assim, vinte e quatro números por ano, dois em cada mês. As assinaturas passam, portanto, a um tipo único — sessenta cruzetas por ano, o que equivale a dizer por volume, incluindo-se nessa importância a despesa do registro no Correio. Os interesses dos assinantes ficam resguardados, cabendo à nossa gerência entender-se com cada um deles acerca do assunto.



PADRE ANTONIO VIEIRA

"Verdadeiro retrato do muito célebre P. Antônio Vieira, da Companhia de Jesus, Pregador dos Reis de Portugal e Príncipe dos Pregadores, que Portugal deu ao mundo e Lisboa a Portugal e o Brasil à Companhia". (apud Serafim Leite, História da Companhia de Jesus, vol. IV, pág. 1.)

SUMÁRIO

PAGINAS 1, 2 E 3:
Padre Antonio Vieira.

PAGINA 4:

Exortação aos Peixes, do Padre Vieira.

Carta ao Duque de Castanheda, do Padre Vieira.

Ladrões, do Padre Vieira.

Onde está o diabo, do Padre Vieira.

PAGINA 5:

Como me tornei tradutor de Herédia, de Severino Montenegro.

PAGINAS 6 E 7:

— A vida dos livros.

PAGINA 8:

Durval de Moraes, Pequenas Notas.

PAGINA 9:

Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha.

PAGINA 10:

— O Carre, de Edgar Poe — VIII — Tradução de Emílio de Menezes.

PAGINA 12:

— O Riozinho, de Mário Leão.

ALGUNS MORTOS DE 1948

O registro fúnebre de 1948 foi impressionantemente farto. O ano era bissexto, e confirmou-se a tradição melancólica e avara que arrastam consigo os anos bissextos...

Se o propósito de um registro rigoroso, recordaremos aqui alguns dos ilustres vultos brasileiros que o ano de 1948 levou para aqui e é undescoberto country para cujos mistérios se voltavam inquietos os olhos lacrimosos do poeta...

O primeiro desses vultos foi Monteiro Lobato. Era, sem contestação o mais poderoso produtor brasileiro, um legítimo continuador de Rui Barbosa e de Coelho Neto. Ao estrear-se, quase que por acaso, já vinha imbuído de Camilo e de Pauho, e era já escritor perfeito. Seu primeiro livro — Os Urupês — trouxeu a consagração pública, pela voz de Rui Barbosa. Desde então Monteiro Lobato se constituiu um centro de abundantes entusiasmos. Ora na literatura para gente grande, com os seus esplêndidos contos, com aquela deliciosa série de cartas que constitui A Barca de Gleyre; ora na literatura infantil, para cujo tesouro forneceu dezenas de livros — sua obra multiplicou-se incessantemente. E que nova, que graciosa, que pitoresca e inesperada e viva é a sua frase sempre!

Outro brilhante prosador que perdemos em 1948 foi Benjamin Lima. Encravou para teatro, e suas peças — A Revolta do Idolo, O homem que marcha, etc., mostram-nos o quanto era ele preocupado com os grandes problemas da alma humana, o quanto essa espécie de Bernstein brasileiro se comprazia no estudo dos ardentes conflitos morais e intelectuais. Ainda outro prosador en-

ntrou que 1948 nos levou: o Padre Leonel Franco. Este era uma organização de sábio e de filósofo. Ninguém amou com mais amor do que ele o que fosse cultura. Passou a vida de a dedo com o preceito preciosista — in angelis cum libelo. Sua obra, em que se destaca aquela informadíssima História da Filosofia, está sendo em uma série de volumes.

Outro prosador, no mesmo caso dos que acabamos de citar: Sud Menucci, jornalista e educador paulista; Adriano Jorge, que foi presidente da Academia Amazonense de Letras; Horácio Cartier, redator fulguríssimo de O Globo; Leonardo Mota, o desvelado investigador do folclore caiporiz; José Vilela, o romancista de estilo tão puro, de tão penetrante estudo (Continua na 12.ª página)

UMA COLEÇÃO DE AUTORES E LIVROS

De acordo com o que havíamos prometido desde o número 1 do 8.º volume, publicado em sorteio, com a Loteria Federal que correu a 29 de dezembro (a última extração do ano), uma coleção dos 8 volumes de AUTORES E LIVROS (de agosto de 1941 a março de 1943), o número do grande prêmio não correspondeu a nenhum dos nossos assinantes, motivo porque a referida coleção não foi a nebulosa deles adjudicada.

Assim sendo, será novamente posta em sorteio na última extração da Loteria no corrente ano, como uma nova esperança aos nossos assinantes atuais e futuros.

PADRE ANTONIO VIEIRA

deveria ser concentrado a liga. As mercadorias que chegavam à Europa seriam distribuídas pelos portos das três potências. Essa concorrência, por motivos que ele alongadamente demonstrava, iria resultar no enfraquecimento da Holanda.

Em 1649 teve a négria de ver também este seu plano vitorioso. E' de 10 de março daquele ano o alvará que aprova a fundação de uma companhia que ia meter no mar trinta e seis galeões armados para a guarda das embarcações de carreira no Brasil. Tinha a companhia o privilégio de certos gêneros e o direito de negociar em todo o Estado do Brasil, desde o Rio Grande do Norte até São Vicente. Fazia a organização da Companhia congregar-se várias famílias portuguesas: a casta dos Carvalhos deu 60 mil cruzados; a dos Botelhos, a dos Serrões, 40 mil cada uma; Francisco Dias de Leão, deu 16 mil; Gregorio Mendes da Silva, 15 mil.

TRABALHOS DE DIPLOMÁTICO

Enquanto sustentava essas campanhas, pressagava Vieira em seus trabalhos de diplomata. Em 1650 vai a Roma, afim de negociar o casamento de D. Teodosio com a infanta, que a esse tempo era a única herdeira de Filipe IV. Mas, enquanto procurava realizar esse enlace, que faria de novo a união da coroa portuguesa e da coroa castelhana, procura também fomentar uma revolta em Nápoles. Descoberdor desse manejão pelo embaixador de Castela, teve o jesuíta sob ameaça de morte, de deixar Roma precipitadamente. Voltou, então, a Lisboa. Em 1652, pensou-se nele para o cargo auxiliar do embaixador, Conde de Penafiel, para a Inquisição. Mas não aceitou o ofício, preferindo regressar ao Brasil, como missionário.

UMA MITRA

N'esse tempo que seus adversários arranjaram uma forma prudente e amável de afastá-lo da companhia de Jesus: oferecerem-lhe uma mitra. Prudente, Vieira resusa a honra, dizendo que S. M. não tinha tantas mitras em toda a sua monarquia, pelas quais ele houvesse de trocar a roupeta da Companhia de Jesus.

NO MARANHAO

Em 23 de novembro de 1652 partiu para o Maranhão, e ali se mostra extremoso defensor dos índios. João Francisco Lisboa, contudo, mostra que, como advogado dos selvagens, ele condescendeu em parte com os senhores e com os opressores, admitindo para os pobres índios uma escravidão de cinco anos.

LUTAS EM PORTUGAL

Regressando a Lisboa em 1661, ali encontrou ele a luta acesa entre o Partido de D. Afonso VI, ainda em tutela, e o da rainha D. Luísa. Abrangiu este último, e consta que é de sua autoria uma exortação então lida ao jovem príncipe para que mudasse de costumes. Assumindo o príncipe o governo, foi Vieira desterrado para o Porto e depois para Coimbra.

SUPERSTIÇÕES DE VIEIRA

A esse tempo achava-se o jejuita possuidor das mais estranhas crenças (crendices que, aliás, em esboço, sempre tivera). Em criança, aluno do colégio dos jesuítas, fora salvo, numa noite escurecida, pelo seu anjo de guarda. Aprecera-lhe, em meio das trevas, um menino envolto em luz que o guiava...

Sua vocação para o prodigioso, para uma nova forma de Sebastianismo, tinha agora um alívio: o da resurreição do rei D. João IV, ressurreição que se havia de dar no ano de 1660... Para adquirir essa plen-

na certeza, ia Vieira às profecias de Bandarra.

Esse Bandarra — Gonçalo Antes Bandarra — era um sapateiro que existia no século de quinhentos e que, num livro chamado *Trovas*, anunciaras os futuros destinos de Portugal. Foi preso pelo Santo Ofício e, por motivo de sua reputação de profeta, saiu no auto público de fé, celebrado em Lisboa em 23 de outubro de 1541. Suas obras tinham sido postas pela Inquisição no catálogo das proibidas.

Costa o volver dos tempos, porém, sua situação tinha mudado. No século XVII davam-lhe crédito ignorantes e sábios; e, como o Padre Vieira, também D. João IV neliê era piedosamente. Ao lado das imagens dos santos, na Sé de Lisboa, fôr certo dia colocada a estatua do profeta — tanto era a crença que nelhõ tinha o povo!

Vieira era um campo explodido para a proliferação das superstíciones dessa ordem. Espalhando o ano de 1666, pôs-se ele a colecionar assombros. Suas estrengas são muitas e de variadas ordens. E' certo, porém, que o fenômeno que mais o preocupa foi o dos cometas. Certa dia lhe veio alguém dizer que apareceria, na Alemanha, um cometa com duas meias luas no meio. Ele pegou a pena, sem dormir, e escreveu a D. Rodrigo de Meneses pedindo-lhe que se informe do fato e lhe mande, com urgência, dizer se aquilo é verdade. Outra vez, um cônigo de Coimbra lhe conta coisa mais pasmosa: vira, com os seus olhos, um cometa de enorme extensão que voltaria a cauda do Ocidente para o Oriente, e, no momento em que mudara de rumo, meteria a cauda por dentro da lua! Também o seu amigo Sanfins — um médico de Coimbra, com o qual gostava muito de praticar sobre assaltos de astros e outras superstíciones — falava-lhe acerca de certo cometa portentoso, que prendia agora a atenção de todos os filhos do reino português, cometa esse que não era inferior ao de 1618, o qual tinha trezentas e oitenta mil léguas de comprido. O que aína mais pasmava, fazendo esperar horribles coisas, é que esse novo astro saira no mesmo dia em que havaia saído, em 1577, o cometa a que se atribuiu a morte de D. Sebastião.

Seus amigos sabiam, sobretudo, desse seu avô aos astros malignos, e não cessavam de lhe mandar informações de novos prodígios. Chegava-lhe, um dia, a notícia de um cometa disturbioso que viera trazendo uma incrível tempestade de neve e chuvas, arrancando mais de duzentos pinheiros e dando às costas com um navio, na Praia. De outro cometa lhe enviava informes do Brasil e da Índia — desse seu avô aos astros obscuros, tão cheios de metáforas e enigmas gregos, que talvez nem mesmo o gênio agudíssimo de Vieira tenha logrado decifrá-los. A todos esses prodígios, porém, ultrapassava em seu entender o que ocorria em Roma. Ali, um cometa surgira arrastando uma cauda maior que a de outro qualquer. E as trevas que trouxera eram tão espessas que se tornavam palpáveis, como as do Egito. A Rainha Cristina, da Suécia, então residindo em Roma, não perdia de vista, juntamente com os grandes matemáticos que trazia em seu serviço, o espetáculo acontecendo.

Mas não eram apenas os astros que enciam de meditações e pavores a sius do Padre Vieira. Mil outras crenças, igualmente ingenuas, o perseguiam. Assombrava-o certo dentista de Guimarães, que havia vomitado um dragão vermelho escuro, de quase um covado de comprido e com duas asas! O doutor Sanfins chegara a ver esse monstro pintado, autêntico

cado por uma certidão jurada de médico.

Que seria tudo isso-sentido nos seus anúncios do que iria acontecer em 1666, ano apocalíptico? E que conduzia tudo, se não a profecia das profecias — a da ressurreição de D. João IV?

O QUINTO IMPÉRIO

E' cheio dessas misteriosas convicções que ele remete de Cametá, no Pará, ao Padre André Fernandes, Bispo do Japão, os originais do seu livro singularíssimo: *Esperança de Portugal, Quinto Império de Mundo. Primeira e segunda vida do rei D. João IV*, escritas por Gonçalo Antes Bandarra, com um largo comentário, remetido ao bispo do Japão, o P. André Fernandes, 29 de abril de 1650. ora, no seu Quinto Império Vieira procurava provar que o sapateiro Bandarra era de fato um profeta; e que assim era feito esperar a ressurreição de D. João IV.

VIEIRA E A INQUISIÇÃO

Não se sabe como, o Quinto Império foi parar ao tribunal Inquisitorial. E' este, que tinha velhas contas a ajustar com o jesuíta, não perdeu a oportunidade. A 21 de junho de 1660, embora entraquecido por longa molestia, compareceu Vieira ao antigo Colégio das Artes, onde funcionava a Inquisição. Ali foi recebido pelo cônego Dr. Alexandre da Silva, e por ele interrogado. Durante quatro anos vise prolongar o seu martírio: ele terá que ser interrogado, admovido, humilhado, por juizes ineptos, e cujo galardão supremo é o de poderem oprimir com a sua inmensa ignorância um dos luzes desse século. Para fazer a sua defesa, nomeia-lhe o tribunal um advogado, que sabemos se chamava Antônio Dias Cabral, embora Vieira lhe não guardasse o obscuro nome. A esse advogado ensinava o reu como devia fazer as petições em seu processo...

Os dias se arrastaram, moros, cheios de sacrifícios e de enfermidades, para o sexagenário. Em 1667, o longo processo teve sua decisão: Vieira ficou privado de pregar, não temporariamente mas para sempre; e obrigado a residir em uma casa da Ordem. A 12 de junho do ano seguinte, porém, foi-lhe deferido um requerimento, pelo qual poderia pregar, com a obrigação apenas de não tratar de proposições suspeitas. A 6 de janeiro de 1669 obteve de novo o púlpito da Capela Real, para pronunciar o Te Deum de regozijo pelo nascimento da princesa D. Isabel. Pregrou e também várias vezes em Queremos desse mesmo ano.

A CLAVIS PROPHETARUM E O CONSELHEIRO SECRETO

Em decorrer desse processo que Vieira dava a conhecer ao tribunal da Inquisição outros livros que tem em mente, tão misteriosos e tão importantes quanto o Quinto Império; a sua Clavis Prophetarum, no qual provava, com a leitura das Escrituras e a dos Santos Padres, que todas as nações da terra se haviam de converter à fé católica, constituindo isso o estado final da Igreja; o Conselheiro Secreto, livro em que refutava Moisés e que ia servir de desengano para os judeus. Estes dois livros estavam em piano, em sua mente, e para eles tinha tomado numerosas notas, que se achavam no Maranhão. E anuncava mais duas obras: A História do Futuro, que vinha compondo desde 1649; e uma resposta a os contraditórios do Quinto Império, na qual ficaria feita a defesa cabal do Bandarra...

VIAGEM A ROMA

Mas a atmosfera em Portugal lhe era sempre hostil, e por esse motivo deliberou ele suspender-se da pátria. Em agosto de

1669 achava-se em Roma, onde é escolhido pelos jesuítas como um triunfador. Recebem-no com admiração carimba o Papa, os principes estrangeiros residentes em Roma, a rainha Cristina, da Suécia, que ali se encontra com a sua corte de sábios. Vieira estuda o italiano e não tarda a pregar na língua desse país. O éxito que obtém é sem precedentes. As multidões aglomeram-se às portas de seus templos, ansiando de poder ouvi-lo. E' preciso por soldados as portas, para impedir que o público se apise dos lugares reservados às autoridades eclesiásticas e às pessoas de representação.

No Sermão do Carnaval de 1673, na Igreja de S. Lourenço Damaso, estão presentes para ouvir-lhe desse cardinai. Deslumbrada pelo seu gênio, a Rainha Cristina convidou-o para seu pregador oficial e para seu confessor. O jesuíta recusa ambos os convites. Da sua pregação em italiano lhe fica porre uma obra — As claves perenes da funda de David — coleção de cinco sermões.

Por breve de 17 de abril de 1675 ficou ele isento para sempre da jurisdição dos Inquisidores de Portugal e seus representantes, sujeito unicamente à Congregação do Santo Ofício de Roma, e conjuntamente absolvido de qualquer censura, inedito ou pena eclesiástica, em que ato aquela data se achasse incerto.

VOLTA AO BRASIL

Deixa Roma em 22 de maio, permanece algum tempo em Portugal, onde torna a fazer novas sermões. E em 27 de janeiro de 1681 parte de novo para o Brasil. Vai para a Bahia, e se recolhe à quinta do Tanque, onde pretende passar os últimos anos de sua vida preparando a edição definitiva de suas obras. Em Portugal seus inimigos continuam encarniçosados e o qualimam em estatua em Coimbra. Governava a Bahia a esse tempo um homem de caráter violento, Antônio de Souza de Meneses, o braço de prata (algunha que lhe vinha de um braço desse metal que possuía). Não tardou o Braço de Prata a entrar em conflito com Bernardo Vieira Ravasco, irmão do Padre Vieira. Secretário de Estado, Bernardo Ravasco governava-se em seu officio, por um regimento próprio, expedido pelo regente. Revogou-o novo governador. Invulgou-se Bernardo contra o sítio e as coisas chegaram a tal extremidade que o governador suspendeu Bernardo do cargo, mandando prender um seu filho e um seu sobrinho, os quais entravam conseguiram fugir à prisão.

Pouco antes do governo de Antônio de Souza rompera na Bahia feroz hostilidade entre o Padre Vieira e o Conselheiro Secreto, livro em que refutava Moisés e que ia servir de desengano para os judeus. Estes dois livros estavam em piano, em sua mente, e para eles tinha tomado numerosas notas, que se achavam no Maranhão. E anuncava mais duas obras: A História do Futuro, que vinha compondo desde 1649; e uma resposta a os contraditórios do Quinto Império, na qual ficaria feita a defesa cabal do Bandarra...

Estou muito mal com seu tempo por haver descomposto o meu governador.

A esse tempo achava-se Vieira em estado de grande fraca

DECREPITUDE

Sua decrepitude é grande, agravada de achaques e das consequências de várias quedas. Contudo, ainda lhe vêm novas contrariedades. O novo geral da ordem lhe manda, em 1688, patente de visitador da província do Brasil, tarifa a que ele não tem meio de fugir. Está com 80 anos, mas tem a encarar um trabalho áspero e incessante. Entre os seus atos desse período, cabe registrar a restituição às missões do Maranhão de mais de vinte padres da Companhia, que tinham sido expulsos por ocasião da revolta de Beckman (1684). Registra-se também que no momento em que essa revolta rompeu, Vieira só lhevara palavras de reprovação e de asperga para os amotinados. Queiria para eles o castigo mais exemplar. E Lisboa registra a frase dele, dita com uma complacência que pouco tinha de cristão: "Mas se faltou a terra (castigo) não tem faltado o do céu, porque todos os impiores daqueles sacrilégios mereceram desastradamente, e sem sacramentos".

O GOVERNO PROVINCIAL

Seu triénio de visitador finda em 1692. Dois anos depois celebra-se na Bahia um congresso provincial, para o fim de eleger-se um representante que fosse a Roma como procurador. Os estatutos da Ordem previam qualquer cabala, e nisso eram severos. Ora, a Vieira era licito apontar alguém que lhe parecesse o candidato mais indicado para o posto. Deu-lhe o seu voto e obteve-lhe outros votos. Velo daí a acusação de cabala contra ele, e ele e o Padre Inácio Faya foram declarados reus, e assim, por sentença, privados da voz ativa e passiva. Vieira apelou para o Geral da Ordem em Roma. Este decidiu favoravelmente ao famoso orador. A decisão demorou e quando chegou à Bahia já ele estava morto.

A VOZ DE DEUS

Em outubro de 1685 apareceu nos céus da Bahia um cometa. Vieira, que sempre viveu sob a fascinação silenciosa ou declarada de tais astros, sente voltarem a si as antigas superstíciones. Toma então de pena e escreve outro misterioso trabalho, digno de emparelhá-lo com a Clavis Prophetarum e com o Quinto Império. E aguarda a voz de Deus ao mundo, a Portugal e à Bahia. E em tal escrito Vieira mostrava a coincidência dos cometes com as calamidades públicas. Ora anunciam fomes, como os de 838, 945 e 1347; ora inundações, como o de 400 de Cristo, 982 e 1530 da era atual; ora tempestades, como os de 1254 e 1268; ora terremotos, como os de 64 e 1298; ora pestes, como os de 603, 626 e 1347, e sendo que esta última calamidade durou um triénio e matou a terça parte do gênero humano...

Em 1698 deixou ele o seu retiro do Tanque e se fixou na Bahia. Não ia buscar aí de nem vida, dizia enfim, ia buscar um gênero de morte mais soergado e quieto. Com efeito, achava-se muito e muito velho, e cada vez mais entraquecido. Nos últimos tempos, já não podia mais ajoelhar-se, ou sequer ficar sentado na capela, pois a todo momento precisava atender às necessidades do organismo que parecia estar a se desarrigar. Multiplicavam-se em seu corpo as implicações, que cobravam como um castigo. Tinha ultimamente que viver num regime de sangrias, que era um novo martírio. E ainda sobrevinham contrariedades maiores: tinha perdido a vista quasi completamente, ia perdendo o ouvido. Nessa quadra de invenção misteriosa, tinha apenas uma consolação: a companhia do amigo Padre José Soares, aquele que o seguia desde

CARTA AO CONDE DE CASTANHEIRA ONDE CAIU O DIABO

VIEIRA

E' coisa tão natural o responder, que até os peixes duros respondem e para as vozes têm écos. Pelo contrário é tão grande violência o não responder, que aquela que nasceram mudos, fez a natureza também surdos, porque se ouvissem e não pudessem responder, rebentariam de dor. Esta é a obrigação e a pena em que a carta que recebi nesta frota de Vossa exceléncia me tem posto, devendo eu só esperar reciprocamente que a resposta do meu silêncio fosse tão muda como ele: mas quis a benignidade de Vossa exceléncia que neste excesso de favor se verificasse o pensamento dos que dizem, que para se conhecerem os amigos, haviam os homens

de morrer primeiro, e dai a algum tempo (sem ser necessário muito) ressuscitar. E porque eu em não escrever fui mudo; como morto, agora com o espaço de um ano e meio, é força que fale como ressuscitado. O que só posso dizer à Vossa exceléncia é que está vivo, crendo, com fé muito firme, não será desagravável à Vossa exceléncia esta cordialidade. Não posso contudo esclarer que no mesmo dia de saída de fevereiro em que entrei nos oitenta e sete anos, foi tão critico para a minha pouca saúde este setento, que apenas por mão alheia me permite ditar estas regras, as quais só multiplicadas em cópias, sendo as mesmas, podem satisfazer a tantas obrigações.

(Continua na 10.ª página)

quantas devo à pátria na sua mais ilustre nobreza. Sendo, porém, tão singular e não usada esta indulgência, ainda reconheço por maior a que de novo peço a todos, e é que a pena de não responder às cartas se me comute na graça de as não receber daqui por diante, assim como é grata e piedade da natureza não ouvir quem não pode falar. E para que o despacho desse forçado memorial não pareça gênero de ingratição da minha parte, senão contrato útil de ambas, e muito digno de aceitação, sirva-se Vossa exceléncia de considerar, que se me fala uma má para escrever, me ficam duas más

homens, pois ellos e não tuam em vós nem seguem, como devem, o de Santo Antônio.

Considerarei, pegadores vivos, como morreram os outros que se pegaram aquela peixe grande, e porque o tubarão morreu porque comeu, e elles morreram pelo que não comeram. Pois haver maior ignorância, que morrer pela fome e boca aberta? Que morre o tubarão porque comeu, matou-o a sua gula; mas que morre o pegador pelo que não comeu, e a maior desgraça que se pode imaginar! Não cuidet que também nos peixes havia pecado original! Nós os homens, formos tão desgraçados, que o outrem comeu e nós o paçamos. Toda a nossa morte teve princípio na guildice de Adão e Eva; e que hajamos de morrer pelo que outrem comeu, grande desgraça! Mas nós lavamo-nos desta desgraça com uma poça de água, e vés não podéis lavar da vossa ignorância com quanta água tem o mar.

Com os voadores tenho também uma palavra, e não é provocar a quiete. Diz-me, voadores, não vos fiz Deus para peixes; pois, porque vos meteis a ser ave? O mar fez o Deus para vós, e o ar para elas. Contenteavos com o mar e com nadar, e não queríeis voar, pois só peixes. Se acaso vós não conhecíeis, cithae para as vossas espinhas e para as vossas espinhas, e conhecereis que não só ave, senão peixe, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dir-me-hás, voador, que vos deu Deus maiores barbatanas que aos outros de vosso tamanho. Pois porque tivestes maiores barbatanas, por isso tivestes de fazer das barbatanas azas? Mas ainda mal porque tantas vezes vos desenganasteis castigo. Quizestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sóis mais mortos que todos. Aos outros peixes de alto, mata-los e anzol ou a fuga, a vós sem fuga nem anzol, matá-vos a vossa presumção e o vosso capricho. Vae o navio navegando e o marinheiro dormindo, e o voador toca na vela ou na corda, e cas palpitando. Aos outros peixes mata-los a fome e enganaste a laca, ao voador mata-o a vontade de voar, e a sua laca é o vento. Quanto melhor lhes fôr mergulhar por baixo da quilha e viver, quer voar por cima das antenas e cair morto. Grande ambigüidade, que sende o mar tão imenso, lhe sólha baixa a um peixe tão pequeno todo o mar, e queria outro elemento mais largo. Mas vede, peixes, o castigo da ambigüidade. O voador felo Deus peixe, e elle quer ser ave, e permite o mesmo Deus, que temia os perigos de ave e mais os da peixe. Todas as velas para elle são rodes, como peixe, e todas as cordas, laços como ave. Vê, voador, como correu pelas postas o teu castigo. Pouco ha nadavas vive no mar com as barbatanas, e agora ja-

nes em um convés amortinhado nas azas. Não contente com ser peixe, quieteze aí ave, e já não é ave nem peixe; nem voar poderás já, nem nadar. A natureza deu-lhe a agua, tu não quizeste sentir o ar, e eu já te vejo pesto no fogo. Peixes, contente-se cada um com o seu elemento. Se o voador não quiser passar do segundo ao terceiro, não vira a parar no quarto. Bem seguro estava elle do fogo, quando nadava na agua, mas porque quis ser borboleta das ondas, vieram-lhe a queimar as azas.

A vista deste exemplo, peixes, tomai todos na memoria esta sentença: Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer, e o que tem. Quem pode nadar, e quer voar, tempo virá em que não voe, nem nadar. Ouvi o caso de um voador da terra. Simão Mago, a quem a arte magica, na qual era famosissimo, deu o sobrenome, tin-gindo-se que elle era o verdadeiro filho de Deus, signalou o dia em que nos olhos de toda Roma havia de subir ao céu, e com efeito começou a voar muito alto; porém a oração de S. Pedro, que se achava presente, voou mais depressa que elle, e cahindo lá de cima o Mago, não quis Deus que morresse logo senão que nos olhos também de todos quebrasse, como quebraram os pés. Não quer que repareis no castigo, senão no gênero dele. Que caiu Simão, está muito bem dito: que morra, também estaria muito bem morto, que o seu atrevimento e a sua arte diabolica o meteu. Mas que de uma queda tão alta não rebente, nem quebre a cabeça ou os braços, senão os pés? Sim, diz S. Maxim, porque quem tem pés para andar, e quer azas para voar, justa é, que perca as azas e mais os pés. Elegantemente o Santo Padre: Uti qui paulo ante volare tentaverat, subito ambulare non posset: et qui pennas assumperat, plantas amitteret. E simão tem pés e quer azas, pode andar e quer voar; pois que brem-se-lhe as azas, para que não vée, e também os pés para que não ande. Eis aqui, veadores do mar, o que sucede aos de terra, para que cada um se contente com o seu elemento.

Se o mar tomára exemplo nos rios, depois que o Icaro se afogou no Danúbio, não haveria tantos Icaros no Oceano.

Voadores do mar (não fui com os da terra) imitai o vosso Santo Pregador. Se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de azas, não as estendais para subir; porque vós não sucederá encontrar com alguma vela ou algum costado; encolher-as para descer, ide-vos meter no fundo em alguma covia, e se ali estiverdes mais escondidos, estareis mais seguros.

Do Serrado de Santo Antônio, pregado na cidade de São Luis do Maranhão no año de 1634.

VIEIRA

Todas as terras, assim como têm particulares estrelas, que naturalmente predominam sobre elas, assim padecem também diferentes vícios a que geralmente são sujeitas. Fingiram a este propósito os alemaes uma grande fábula. Dizem que quando o diabo caiu do céu, que no ar se fez em pedaços, e que estes pedaços se espalharem em diversas províncias da Europa, onde ficaram os vícios que nelas reinam. Dizem que a cabeça do diabo caiu em Espanha e que por isso somos fumosos, altivos, e com arrogância graves. Dizem que o peito caiu em Itália, e que daí lhes veio serem fabricadores de má-

LADRÕES

VIEIRA

Os ladrões, de que falo, não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza, a vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida; por que a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado.

O ladrão, que mais própria e dignamente merecem este título, são aqueles, a quem os Reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com maña, já com força roubaram e despojaram os povos.

Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos; os outros, se furtam, são enfocados, e estes furtam e enfocam. Diogenes, que tudo via com mal aguda vista, que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justica levavam a enfocar uns ladrões e começou a bradar: Lá vão os ladrões

grandes a enfocar os pobres. Ditosa Grécia, que tinha tal Pregador! E mais ditosas as outras nações, se nelas não padecera a justiça as mesmas afrontas! Quantas vezes se viu em Roma ir a enfocar um ladrão por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triunfo um Consul, ou um Ditador por ter roubado uma província? E quantos ladrões teriam enfocados estes mesmos ladrões triunfantes? De um chamado Seronato disse com discreta contraposição Sidonio Apolinário: Non cessat simul furia vel patire vel facere.

"Seronato está sempre ocupado em duas coisas: em castigar furtos, e em os fazer". Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo para roubar ele só.

(Apud João Ribeiro — "Selecta Clássica").

Só creio no Paraíso,
De que o Profeta falou.
Porque a flor do teu sorriso
Para mim desabrochou... Z.

DURVAL DE MORAIS

A 4 de dezembro último, faleceu nesta cidade, no Hospital da Ordem do Carmo, o poeta Durval Borges de Moraes. Era um espírito elevado, imbuído de religiosidade, sincera e profunda, e que mereceu dos leitores e dos críticos o epíteto encantador de poeta da Nossa Senhora.

Nasceu em Maragogipe, Bahia, a 20 de novembro de 1882 e se formou em Farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia. Pertence desde quando estudante ao movimento simbolista da Bahia, tendo tomado parte nas oficivas da Nova Cruzada e de Os Anais. Sou nome figura nessa fase das letras baianas, ao lado dos nomes de Peithen de Villar, Carlos Chiacchio, Artur de Sales, Galdino de Castro, Domingos de Almeida, Melo Leite, Alvaro Reis, Pedro Killberry, Francisco Mangabeira, José Maria Leon, Euclides de Matos, Astério de Campos, tantos outros. Desde essa época, em que ele já se impõe como um poeta de temas e meditações religiosas, seu nome irradia pelo Brasil todo.

Diplomado, Durval de Moraes fixou-se em Monte Azul, Estado de S. Paulo. Transferiu-se depois para o Rio de Janeiro, e aqui se fez preparador de Química

inorgânica da Escola Politécnica. Era católico ardoroso. Além das colaborações dadas às duas revistas referidas, acima, colaborou mais nos seguintes lugares: Jornal de Notícias, A Manhã, Diário da Bahia, Jornal da Manhã, Gazeta do Povo (todos da Bahia); O Gutenberg, da Aiagoas, Diário de Santos; Renascença, Revista de Cultura, Verbum (do Rio de Janeiro); etc.

Pertenceu à Academia Bahiana de Letras, da qual era delegado junto à Federação das Academias de Letras.

Escriveu:

- Sombra secunda — Rio, 1913.
- Lira Franciscana. Rio, 1921.
- Cheia de Graça. Rio, 1924.
- Rosas do Silêncio. Ed. do Centro D. Vital. Rio, 1928.
- O Poema de Anchieta, 1929.
- Fleretti, de S. Francisco de Assis (tradução). Livraria Católica. Rio, 1932.
- Conquistadores do Infinito. 1941.
- Solidão sonora. 1943.
- O Cântico espiritual, de S. João da Cruz. Versão do texto crítico espanhol adotado por Dom Chevalier, monge de Solesmes. Revista de Cultura, vol. XXI.
- Lima, Alceu Amoroso — Discurso pronunciado no túmulo de Durval de Moraes.
- Linhares, Mário. Discurso. Revista das Academias de Letras, n. 47, pag. 100.

A VIDA DOS LIVROS

MAFFI, MAFFIO — Cicero e o seu drama político. Instituto Progresso Editorial (IPÉ)

Maffi, Maffio — Cicero e o seu drama político. Tradução de Maria José de Carvalho. IPÉ. Instituto Progresso Editorial S.A.—São Paulo, 1948. Coleção Pantheon Universal N.º 2. 422 págs.

Cicero é um assunto sempre atual. Representou, em um grande momento histórico, o amor à liberdade do homem, lutou por ela, expôs-se por ela, morreu por ela. Desde sempre, por esse motivo, tem merecido de todas as gerações provas de apreço, testemunhos de amor e de gratidão.

Maffi Maffio, como Boissier, tornou Cicero o centro de um encarado e longo estudo. Boissier procurou ver Cicero em seu todo, entre os seus amigos, irradiando amplas e fecundas influências espirituais. Maffi Maffio procura abranger um quadro mais vasto e no mesmo tempo mais minucioso: o da política geral de Roma na época de Cicero, com as suas questões particulares, a orientação dos políticos, o papel e a ação de cada personagem, mesmo os secundários, e até muita vez os insignificantes.

A versão que parece ter sido atuado o velho Plutarco quem disse a última palavra acerca do orador latino. Plutarco tem sobre os outros vidas variadas: estava, em primeiro lugar, mais próximo de Cicero do que qualquer outro dos biógrafos que têm tratado do grande romano. Em segundo lugar, possuía, com o conhecimento das almas humanas, aquele fundido sentimento de ociosa que tanto aparece as suas Vidas com certos dramas Shakespeareanos. A preexistência de Plutarco no assunto Cicero está plenamente reconhecida e proclamada por Maffi, quando, ao final da sua obra, desejava narrar a morte do orador profugo das perseguições de Antônio, recorre ao historiador grego, limitando-se a transcrever a sua narrativa, que nesse passo é verdadeiramente intravilhante.

A existência de Cicero tem recortes de heroísmo e de bravura, pode nem sempre ser essa — a da coragem pascal — impressionar que dele tinham os contemporâneos, a impressão que dele tiveram os historiadores de outras épocas. Sua ação no Sezundo contra Catilina é um desses episódios. Ficou residante para o resto dos séculos aquela crônica que ele denunciou a conspiração de Catilina, agindo as embarras noturnas — mas que não articulou o orador com essa denúncia diante daqueles violentos e daqueles ambiçosos, que de uma hora para a outra poderiam estar donos do supremo poder na cidade. Venha agora em Maffi Maffio que as informações minuciosas que transparecem da denúncia de Cicero contra Catilina ti-

nham plena veracidade: conta o biógrafo que existia uma certa Fulvia, amiga de um dos condenados, Curião, a qual, por dinheiro ou por amor à República, tinha denunciado a conspiração a Cicero. Não era sómente Fulvia a tíuca dama romana que conspirava com Catilina: também Sempronia, mulher de Decílio Bruto, pertencia ao movimento. Explica Suáustico que essa Sempronia era uma dama formosíssima, amiga do luxo e do requinte, que vivia uma vida mais de cortezia que de matrona. Arruinara-se, e agora esperava que a revolução triunfante lhe refizesse as finanças desfeitas.

O fim de Cicero é realmente um dos mais melancólicos fins de vida que podemos imaginar. Supersticionoso como todos os romanos, ele vira em sonhos Júpiter que lhe indicava o jovem Otaviano, sobrinho neto de Cesar, como o futuro salvador de Roma. Quando mais tarde Otaviano se apresentou disputando o Poder a Antônio, Cicero, que por outro lado tinha velhos e graves ressentimentos contra esse amigo de Cesar, desposou com ardor a causa do jovem príncipe. Foi um dos principais elementos de sua vitória. E quando naturalmente esperava poder viver em paz, novamente considerado um salvador da Pátria, ele que o matreiro e ambicioso jovem o entregou a Antônio! Cicero foge. E é então que — pela traição de um outro protegido seu, um liberto chamado Filólogo ou Filogeno — é encontrado pelos esbirros de Antônio perto da estrada de Tusculo. Presentemente que, tinha sido descoberto, ele põe a cabeça para fóra de sua litera e seriamente encarou seus aligos. Um deles, Herenio, cumprindo as ordens de Antônio, arrancou a cabeça e as mãos do orador — a cabeça que tinha pensado, a mão que havia escrito as Filípicas. E levou os sangrentos despojos para Roma. Ao vê-las Antônio exclamou:

— Acabaram-se as proscrições!

Assim findou Cicero, e podemos dizer que assim acabaram as últimas liberdades em Roma. Porque o que vem depois dele é a violência, o arbitrio, o absoluto poder concedido ao princípio: vêm os Césares.

Cidadão de todas as democracias, o velho Cicero pareceria para o resto dos séculos aquela crônica que ele denunciou a conspiração de Catilina, agindo as embarras noturnas — mas que não articulou o orador com essa denúncia diante daqueles violentos e daqueles ambiçosos, que de uma hora para a outra poderiam estar donos do supremo poder na cidade. Venha agora em Maffi Maffio que as informações minuciosas que transparecem da denúncia de Cicero contra Catilina ti-

NOTA A ESTE NÚMERO DE "AUTORES E LIVROS"

Com este número, iniciamos o nosso volume X. Com Antônio Vieira, iniciamos hoje a série dos autores brasileiros do século XVII, nos quais será dedicado todo o presente volume.

A seguir a Vieira, virão Gregorio de Matos, Eusebio de Matos, Botelho de Oliveira, Manoel de Moraes, Antônio de Sá, etc., etc.

Foram ainda eleitos: Rodolfo Garcia para diretor da Biblioteca; Viriato Correia, para diretor da Revista; Mário Leão, para diretor do Arquivo; Ataul-

RIMAS DE JOSE' ALBANO — Ed. Pongetti

Rimas de José Albano, Edição organizada, revisão e prefaciada por Manuel Bandeira. Pongetti, 1948. 261 págs.

Para a organização desta obra, Manuel Bandeira teve em mãos todos os livros que José Albano publicou e os que vieram depois de sua morte — as Redondelas, a Alegoria, a Canção a Cambes e a Ode à Língua Portuguesa, os Sonetos à Comédia Angloca, a Antologia. Teve mais em mãos a obra inédita do poeta que a família Albano lhe entregou para estudo e seleção de novas poesias. Com tudo isso formou este volume, de ora por diante precioso, não obstante os tristes erros de revisão que o afastam. Manuel Bandeira, cujos escritórios de critico todos nós conhecemos, não quis incluir na obra toda a produção de José Albano: adotou um critério ante antológico, e ali deixou apenas o que lhe pareceu mais perfeito, mais digno da grande memória do poeta. Esse avulte foi-lhe aconselhado pela circunstância de se encontrar José Albano há muito esquecido e de se destinar a edição atual quasi que apenas a lhe ressuscitar a memória. Mais tarde, recolocado o poeta na brillante posição que de fato lhe cabe na literatura brasileira, será possível publicar todo José Albano.

Cremos que foi um acertado modo de proceder, e ao menos Manuel Bandeira evitou com essa sua reserva certas críticas ineptas.

Tivemos ocasião de ver, ultimamente, a propósito da edição das Poesias Completas, de Raimundo Correia, que demos pela Editora Nacional, algumas dessas críticas, moderadamente ineptas. Uma delas frisava justamente a conveniência de serem deixadas de lado as obras menores de Raimundo Correia, a conveniência de só se editar aquilo que o próprio poeta havia selecionado.

Isto é uma alegação inteiramente frívola, achamos nós. Que Raimundo Correia, artista exigente e severo que era, fizesse uma rigorosa seleção em seus versos, era uma coisa justa e compreensível, e tanto o era que o organizador das Poesias Completas, respeitou a seleção por ele feita. Mas, se isso porcaria por um lado, por outro lado era preciso dar, em uma edição crítica, tudo o mais que pudesse servir como documentação acerca da biografia espiritual do poeta. E foi o que se fez no segundo volume das Poesias Completas, no qual ficou recolhido tudo aquilo que Raimundo Correia pôde de lado em sua obra, acrescentado agora aos trabalhos de circunstância, por ele produzidos através de sua vida. Poder-se-á imaginar plausivelmente que mais justamente conciliasse os interesses da arte de um poeta com as exigências dos estudos de seus leitores?

Talvez uma distribuição de matéria feita num plano semelhante pudesse ter servido a Manuel Bandeira no caso de José Albano: dois volumes (ou, se não desse para tanto, duas partes de um mesmo volume). No primeiro volume (ou na primeira parte) incluir-se-iam todos os bons trabalhos do poeta; no segundo, todos os seus trabalhos secundários, que se destinasse a servir apenas ao estudo dos críticos.

José de Abreu Albatto tem sido estudado por vários críticos e biógrafos, como João Ribeiro, Tristão da Cunha, Studart, Mario de Alencar, Antônio Sales, Graciosa Aranha, Agripino Góes, Americo Faco, Luiz Aníbal Falcão, Manuel Bandeira. Era um homem extravagante e singular, como vemos no testemunho dos seus contemporâneos, e notadamente em Jodo Ribeiro, que recon-

heve várias anedotas pitorescas e graciosas do poeta. Manuel Bandeira conta que, sendo aluno de Jodo Ribeiro e grande respeitador desse mestre, o viu certa vez na porta da Garnier conversando com Albano; e este disse ao seu interlocutor, para escândalo e assombro do menino que o ouvia:

— Não diga asneira, João Ribeiro. Não diga asneiras!

Vivendo dentro de sonhos, como viveu, Albano teve o seu sonho supremo dentro do terreno da poesia: e esse sonho consistiu quer ser um poeta do século de quinhentos, um contemporâneo de Camões. Fiel a esse sonho, tudo o que ele escreveu se prende, de uma forma ou de outra, ao grande génio dos Lusitanas: seus mais belos sonetos são de puro molde camoneano, sua Ode à Língua Portuguesa também é.

Destes seus sentimentos destaca sua inspiração camoneana, todos os trabalhos que dele se tornaram conhecidos dão eloquente testemunho. Podemos citar por exemplo aquela Cantiga que abre a presente coleção:

Nestes sombrios recontos,
Nestes saudosos retratos,
Deslisa um río de prantos,
E corre um ar de suspiros.

Volta

Tenho na alma dois moinhos.
Um é de águas, outro é de vento:
Ambos juntos e vinhos,
Estão sempre em movimento.

E giros tantos e tantos
E tantos e tantos giros

Dão ao primeiro os meus prantos

E ao segundo os meus suspiros.

A coleção das obras publicadas por Albano ou por pessoas de sua família, Manuel Bandeira acrescentou, nestas Rimas, quinze sonetos que até agora tinham ficado inéditos. Eis o soneto nº XI dessa nova série:

Se ponho os tristes olhos no
passado
E no futuro emprego o meu
sentido.
Lamento o longo tempo mal
Vívido
E o breve esforço mal recom-
pensado.

E não levanto qualquinha contra
I gozo.
Mas, entre mil suspiros, um
I gemido
De brando coração arren-
gido.
De brando coração desenganado.

Já reconheço agora o vão
Idesejo:
O que procuro mais, menos
Iakeno;
O que mais imagino, menos
I vejo.

E quero enfim subir em voo
Imenso,
Para deixar o mundo mafasejo
E lá no Céu achar o meu des-
tacno.

Creio que este, bem como os demais sonetos da série, confirmam as impressões que guardava no espírito os admiradores de José Albano. Confirmam que ele foi, realmente, um poeta inspirado e melancólico cuja coroação era uma doce e infinita música.

Figueiredo Filho, J. — *Meu mundo é uma farmácia — Memórias de um farmacêutico* — Instituto Progresso Editorial (IPÉ)

Figueiredo Filho, J. — *Meu mundo é uma farmácia. Memórias de um farmacêutico* — IPÉ. Instituto Progresso Editorial São Paulo, 1948. 188 págs.

O Sr. J. Figueiredo Filho é cearense, estabelecido no comércio do Crato. Filho de farmacêutico, farmacêutico é ele também desde a mocidade, resolveu agora publicar estas suas memórias. São pitorescas, o devem ter despertado muito interesse entre os leitores da região. Para nós, tratando de um meio tão distante, relatando episódios a que estamos tão alheios, o seu interesse é inusitadamente sensível.

Contudo, naquilo que se afazem das coisas propriamente ligadas ao prenda atenção. Encantamos no livro, por exemplo, uns certos Dr. Manuel Monteiro, bacharel e farmacêutico, que conheceu em tempos José do Patrocínio Filho, e relatou ao autor de *Meu mundo é uma farmácia* um interessante episódio daquele talentoso, fulgentíssimo cronista. Contou o Dr. Manuel Monteiro que o Zeca certa vez, na Bahia, metera-se numa grande farra, que terminou em grossa pancadaria. Foi parar na polícia, com os companheiros. Interrogado pelo delegado deu o seu nome:

André Darrien, francês de la Martinique.

Ficou assim identificado nos arquivos da polícia de Salvador — mas foi dormir no xadrez.

Um encanto dos volumes de memórias encontra-se na facilidade com que se move o escritor para relatar episódios muita vez insignificantes, que somente em um livro do tal gênero poderiam entrar. O que um romancista não contaria num romance, nem um contista num conto, por ser demasiado leve ou frívolo, um memorialista pode relatar com graça e encanto em uma de suas páginas. Além da uma vez poderíamos verificar no neste livro, acompanhado por exemplo em relatos que o autor faz da vida de seu antigo Teófilo Artur de Siqueira Cavalcanti, farmacêutico e homem engracadíssimo. Esse farmacêutico inventou curioso remédio — Água Bananosa nº 3 — que sempre lhe dava excelente remédio quando o desente se lhe apresentava excessivamente caceté. Consistia tal remédio em fazer encher de água distillada uma garrafada, na direção da qual, quando ia sendo colocada a água, o farmacêutico fazia três vezes um certo gesto malicioso e irrevogável, muito de gosto dos estudantes e, agora vemos, também dos farmacêuticos. Essa Água Bananosa nº 3 deveria ter difusão maior, e não somente no Ceará, mas no Brasil todo, no mundo todo.

O autor destas memórias nos diz que não tem nem nenhuma pretensão a ser homem de letras. No entanto seu livro, muito simples que é como exposição e como narrativa, revela certo cuidado com o aspecto propriamente literário.

"SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL

DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 172, 10º

DIRETORES

Dr. José Maria Whicker

Dr. Ernesto Teixeira da Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares

A VIDA DOS LIVROS

LIZARAZO, J. A.
Osorio — "LA ISLA ILUMINADA" — Editorial El Diário — Santiago — República Dominicana, 265 págs.

A Ilha Iluminada é a República Dominicana. O autor deste livro faz uma exposição cultural e histórica de seu país, mostrando as condições de vida e de prosperidade daquela ilha antillana. O livro divide-se em dez capítulos — O conceito de Democracia, A Geografia, a História, As Finanças, a Frontera, A Organização Política, a Educação, a Saúde, a Justiça Social, a Economia e a Política Exterior. A tese de Lizarazo não podia ser senão a que, em tais circunstâncias, é a demonstração de que a República Dominicana nada num mar de rosas, a de que toda a felicidade da ilha está realizada pelo governo do Presidente Trujillo.

— Universidade de Santo Domingo, Faculdade de Filosofia, Seção de Línguas y Folclore — "CLASIFICACIÓN DE L FOLKLORE" — Ciudad Trujillo, 1944, 15 págs.

E a classificação de folclore estabelecida para o ficheiro e arquivo da Seção de Linguística e Folclore da Universidade de São Domingos, de acordo com as normas traçadas pelo prof. R. S. Boggs no curso dado em 1944, na Universidade daquela República.

Isto foi há quatro anos. Seria de grande interesse sabermos hoje, depois de

OS CLASSICOS JACKSON

A editora W. M. Jackson Inc. presta agora novo e relevassimo serviço ao Brasil: emprenhando a monumental edição daqueles que chamou Clássicos Jackson.

Os Clássicos Jackson constituem uma galeria de 30 volumes, abrangendo autores que valem como uma verdadeira e feliz síntese do poder de criação espiritual dos homens, desde o alvorecer da civilização ocidental até aos nossos dias.

A série dos Clássicos Jackson é a seguinte:

- 1.º Vol. — Xenofonte
 - 2.º " — Cícero
 - 3.º " — Virgílio
 - 4.º " — Horácio
 - 5.º " — Ovídio
 - 6.º " — Dante
 - 7.º " — Camões
 - 8.º " — Cervantes
 - 9.º " — Cervantes
 - 10.º " — Shakespeare
 - 11.º " — Diderot
 - 12.º " — Diderot
 - 13.º " — Milton
 - 14.º " — Vieira
 - 15.º " — Goethe
 - 16.º " — Chateaubriand
 - 17.º " — Chateaubriand
 - 18.º " — Alex. Herculano
 - 19.º " — J. P. Lisboa
 - 20.º " — Joaquim Nabuco
- CIRIOPEDIA.
ORACÕES.
GEORGIAS — A ENEIDA.
SATIRAS:
OS FASTOS.
DIVINA COMÉDIA.
DIVINA COMÉDIA.
OS LUSÍADAS.
D. QUIXOTE.
D. QUIXOTE.
MACBETH — REI LEAR.
MORALISTAS ESPANHÓIS.
PENSADORES FRANCESES.
PARAISO PERDIDO.
CARTAS.
FAUSTO.
O GENIO DO CRISTIANISMO.
O GENIO DO CRISTIANISMO.
LENDAS E NARRATIVAS.
VIDA DO P. ANTONIO VIEIRA
MINHA FORMAÇÃO.

Um novo ano de atividades para a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco

Tendo, a 2 de Dezembro próximo passado, sido procedidas, em Assembleia Geral Ordinária, as eleições da nova diretoria da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, ficou ela assim constituída:

Conselho de Administração — José Pessos de Queiroz, Presidente; Armando de Queiros Monteiro, Secretário; Luís Inácio Pessos de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Conselho Fiscal — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enoch Maranhão.

Como se vê, foi novamente escolhido para o posto de presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco o Sr. José Pessos de Queiroz.

Para Secretário daquela ins-

volvidos tantos dias, quais os frutos que têm obtido os pesquisadores, mediante a execução do programa tão amplo e tão sugestivo, então traçado.

REYES, Heitor Perez — "AIRE DE SOLEDAD" — Ediciones de "La Poesía Sorprendido" — Colección "El Desvelado Solitario" — Ciudad Trujillo, República Dominicana — Antillas — Magno — 1948.

Hector Pérez Reyes é considerado um dos valores mais expressivos da moderna poesia antillana. Nasceu em Ciudad Trujillo em 1927 e é estudante de Direito em sua terra natal. Residiu muitos anos na cidade de Bani e ali foi colaborador de jornais locais como "Eos do Valle". Publicou depois as "Canciones de un Nocturno Quijotera" (edição de 10 volumes). Agora edita este — "Aire de Soledad" — que fica fazendo parte da Coleção "El Desvelado Solitario".

Mi, poema es un arbol se [diente]

Explica o poeta. E acrescenta:

Un arbol que es de carne y [ansiedad] Como la vida.

E é essa a sinfonia de abertura desse seu novo caderno de poesia, o qual infelizmente é formado de apenas três poemas.

FONTES, IVAN — *Imagens e Emoções*
Editora Minerva

Rio, 1947, 108 págs.

Ivan Fontes é sergipano, nascido em Aracaju em 1920, e acreditamos que pertence à mesma família que deu ao Brasil da primeira metade deste século dois dos seus poetas mais representativos — Hermes Fontes e Martins Fontes. Iniciando sua carreira política em Aracaju, logo a interrompeu para vir fixar-se no Rio de Janeiro. Aqui exerce, hoje, a sua atividade preferida, que é a de advogado. São esses os dados relativos à biografia do poeta, os dados que encontramos no prefácio escrito por Astério de Campos para estas *Imagens e Emoções*. No mesmo prefácio, Astério de Campos declara encontrar na estes das versos de Ivan Fontes a mesma estesia de Hermes Fontes. Até ai não tremos nos. Hermes Fontes caracterizou-se, em poesia, no que nos parece, pela abundância do seu estro, abundância que muita vez o levava a excessos de mau gosto, a extravagâncias, a paroxismos. Não é isso o que encontramos em Ivan Fontes, poeta que, pelo menos nestes versos de estreia, nos parece medido, correto, disciplinado às normas essenciais da poética, da arte, da inspiração.

Ele não deseja, por exemplo, nenhuma eloquência, nenhuma grandiloquência em sua poesia:

Eu quero que meu verso seja [pluma]
Eu quero que meu verso seja [gas...]

Assim nos diz ao abrir a sua coleção. É verdade que esse programa nem sempre é cumprido, e que aqui e ali ele assume notas de alta resonância, e mesmo grandiloquência. Veja-se, por exemplo, o soneto intitulado *Fechando o Álbum*, com o qual encerrou o seu livro. Dirigindo-se aos seus colegas da Faculdade de Direito — vanguardistas do Ideal, romeuross do Direito — o poeta nos fala aqui como um autêntico prolongamento daquela corrente dos poetas socialistas, que na época da propaganda da Abolição e da República, tão longamente proliferou em nosso país.

Com referências à técnica da poesia de Ivan Fontes haveria talvez anotações a fazer, e estas seriam acaso interessantes: certo gosto que ele revela pelos neologismos, como nesta frase: A hora cumplicular, o Ideal se astralizasse; seu amor à mitologia onomatopéica das resonâncias.

como, neste verso: "Ao claro clarão constante da cascata"; seu gosto pelas imagens faustosas, como no soneto "A um poeta":

As estrelas que estão na altura,
folhando a luz da noite,
São pétalas de luz da noite
fimerencórias.

Para darmos ao leitor uma idéia exata da poesia de Ivan Fontes aqui transcrevemos um dos trabalhos mais expressivos do livro — *A Canção da Chuva*: Chuva monotonha, profundo requírio dos tristes passionais, daqueles que andam pelo mundo ouvindo sempre "nunca mais".

Como é pungente a ária da Chuva tamborilando nos vitrais!
O coração, tristonho, envia nesses deusteros hibernais.
O frio e a chuva são o arcano,
Doce harmonia dos casais,
falam de algum carinho humano.
recordações sentimentais...

A tarantela dolorida
dos pingos d'água, gotas de sia,
é o cantochão de voza vida
— ventura e enlèvo dos demais.
Mulher desejo, ansia, miragem
(Continua na pg. II)



3 — GRANDES — 3
HISTÓRIAS DA LITERATURA
Atilio Momigliano
"HISTÓRIA DA LITERATURA ITALIANA"
Uma obra rica, de pura inspiração croônica, e uma das mais inteligentes e ousadas tentativas de interpretar a história de uma literatura como criação puramente estética. Cr\$ 15,00

Paulo Chastakowski
"HISTÓRIA DA LITERATURA RUSSA"
Panorama completo das letras russas, esta obra focaliza a complexa psicologia eslava e nos esclarece sobre uma das mais impressionantes manifestações literárias da história. — Cr\$ 15,00

Thomas H. Dickenson
"HISTÓRIA DA LITERATURA NORTE-AMERICANA"
Trata-se da mais completa e analítica história da literatura estadunidense desde suas origens até as modernas expressões de Faulkner, Saroyan, Hemingway, Hersey e tantos outros. — Cr\$ 20,00

Uma interpretação
de MUSSOLINI
por RAQUEL MUSSOLINI

"MINHA VIDA
COM BENITO"

... uma trágica mulher que não ambiciona escrever um documentário mas simplesmente a história de uma vida, de um casal, de muitas aventuras e muitas tristezas. Cr\$ 40,00

O LANÇAMENTO SENSACIONAL DE DEZEMBRO

Pelo Reembolso Postal
IPÉ - Cx. Postal, 5521

São Paulo

Nome
Título
Endereço
Cidade



Como me tornei tradutor de Heredia

SEVERINO MONTENEGRO

Há vários meses atrás publiquei Mário Leão um interessante artigo sobre as minhas traduções de Heredia. Quando tive o prazer de lhe enviar algumas dessas sonetos, por intermédio de um amigo comum, estava bem longe da supor que haviam de encontrar no eminente homem de letras português uma consideração especial.

"Assim," é que me vi, a elencar que por sua exclusiva gêniosidade, golpeantemente jogado ao roçamento das flores literárias, figuravam nos olhos do leitor tanto quanto como "a revelação espontânea de poesia" — a lá de coisas, e, um dia, "uma glória nobre" — compreendida, amada de certo por poucos, mas, final de contas, uma glória invejável! O destino meu, sem dúvida, os mais variados caprichos.

Em meu estudo, o ilustre Acadêmico pôde habilmente em relevo o seu temperamento de escritor aprimorado, tecendo toda uma trama de expressões evocativas, procurando ver, na minha apagada alvuração, um verdadeiro romance, é bem verdade fora do plano sentimental, porém preso nos sonhos e devaneios curtos do prazer do espírito.

Jornais procurei desfazer essas impressões, tal o saber do comentarista elegante, claro e preciso, e nem mesmo influiu para isso a vontade de responder a certo crítico menos avisado, que me acusou de haver cometido uma traição para com a arte superior de Heredia.

Quando fez o seu trabalho, o sr. Mário Leão não me conhecia pessoalmente. Julgou talvez, dando-lhe à fantasia, fosse eu um temperamento ardiloso e apaixonado, capaz de me afeitar de maneira exclusiva, total, patética em suma.

De modo grande aceitaria este conceito, porque ainda no mundo me parece melhor da que prezar a irrealidade, inventar coisas que não sentimos realmente e assim viver, numa espécie de ilusão concreta, e que sempre nos ensine a verdadeira medida dos motivos da existência.

A medida de Heredia, tanto como a minha próprio — ou a de qualquer outro, muito pouco sólido na minha vida, apesar do imenso oceano de elos que me atassem ao carro dos grandes poetas, dainde a reivindicação para o meu espírito um farrapo, por pequeno que seja, de sua importância ou prestígio.

Má minha adolescência, o conhecimento de Heredia — não foi além de poucos sonetos, que com verdadeira satisfação pude ler em selertas francesas.

Jo ento dedicava-me exclusivamente ao culto das matemáticas, reconhecendo no estudo dessa disciplina uma sincera e bem fortalecida vocação.

Alimentava a velocidade de ser um magno conhecedor do insunto, e, naquelas dias de juventude, quanta vez supossei enunciado uma barra de giz, sem atentar que a sua alvura imaculada era a forma material do contraste com a minha mal nascida presunção e vaidade.

Fontes magiações semelhantes, de algum modo, na chama das grandes rios. Tudo se me afigurava que, batmando as águas, com o retorno ao leito, o solo estaria mais propício à fecundação. Mas, em breve, compreendi que o terreno era árido em demasia e só ajudava o rejuvenescimento. E alguns desabores, felizmente, libertaram-me muitíssimo deste ciclo pernicioso em que, vidente-se debatiam a minha vontade e a deficiência dos meus recursos.

Entrei muito cedo para a vida prática e da família. E, afora voos rastreiros e pouco freqüentes no campo da poesia, só tormei às minhas vistas para esta 10 anos mais tarde, quando no ápice da mocidade, com 30 anos completos, procurei cultivar algo que voluntariamente havia desprezado.

Dafam daí os meus primeiros e verdadeiros contactos com o imortal poeta de "Os Trofeus".

Há momentos na alvuração do homem, mesmo afastado no sonho ou à fantasia, em que a realidade como não satisfaz. A vida, no seu aspecto vulgar e prático, flui numa desolada monotonia.

Percorremos então alguma coisa que descobremos, num aspiração que trás as vozes, em sua simplicidade, a flama de uma valiosa e inextinguível cruzada. Será o caso de examinar a maneira do grande Anatole France: "qui vous?" E responderemos a nós mesmos: "Je veux autre chose".

As minhas traduções de Heredia como outros traduzis que tenho produzido e mantido inéditos, talvez para o meu próprio bem, nasceram casualmente, dessas horas de tédio a que me refiro, em que nos debatemos, irresistivelmente, de manha em vez, tentando alcançar algo que nos escapa, mas sem dispõr de forças e recursos bastantes para superar os nossos mais ardentes desejos.

A matemática, aparentemente fria, trouxe, sem dúvida, para minha formação, certas preferências especiais.

Sentiu, à outrance, a inclinação para a forma clássica do versamento, — a ordem, a clareza, a distinção da linguagem, a elegância, o bom gosto em suma. Todos os critérios estéticos dominantes e que se resumem, em última análise, naquela sentença de harmonia, de equilíbrio e de proporção, o sentido geométrico por excelência, preso às formas e encantos das estrofes coloridas e perfeitas, das rimas vibrantes e sonoras.

Essas tendências naturais, tão em desacordo com a mentalidade de época, levaram-me sem dúvida à frustura daqueles poetas e escritores que fundaram suas elaborações artísticas, à maneira do estilo clássico da literatura helena.

Segundo à risca desses ditames, que a mim mesmo me impus por conveniência própria, procurei encontrar algumas compensações no passado remoto ou pouco afastado, numa evocação a graça e à beleza do espírito antigo, esses monumentos herméticos da criação clássica.

Julgava, certamente, que estes eram os vínculos que me uniam por temperamento e educação. Já se há muito os "acérrimos fundamentais dessa harmonia das esferas, sondada por Pitágoras e Kepler", não foram agradavelmente os meus ouvidos?

Hoje compreendo que estava completamente enganado. Aquela espécie de *litotinerapia* literária para as coisas modernas, que parecia condicionar irreversivelmente ao passado, não era absolutamente um mal sem crua. Para tal bastariam as minhas próprias concepções de liberdade, o desapego total das ideias tradicionais ou conservadoras, o meu duplo sentido de mutabilidade e evolução e que tantas vezes tem me levado a incoerências manifestas e agradáveis. E se ainda hoje é com prazer que me deixo fascinar pela forma tradicional do verso clássico, mantenho, todavia, a convicção de que as escolas nada valem no aspecto formal. O que interessa é "preservar a beleza e ver brilhar o clarão inexcedível da natureza humana".

Lucien Areit, traçando magníficos perfis de poetas franceses, encontra em Heredia um composto de cristianismo heróico e devoção cavalheiresca. Em Leconte de Lisle uma espécie de paganismo requintado, todo feito de mitologia e metafísica. Estes dois poetas, acentua, surgem no mesmo movimento que, no curso do século dezenove, têm intimas ligações com a resurreição das idades antigas. Foram, neste particular, pela própria natureza, origem e impressões, os mais ilustres expoentes da poesia francesa.

Leconte foi o mestre, Heredia o discípulo. Sua obra se avivinhava e se tocava. A impressão generalizada é de que ambos buscavam refúgio contra os desgostos da vida presente, na miragem das eras passadas ou no esplendor dos céus impenetráveis e estranhos.

Desdenharam os acentos pessoais, a sensibilidade exagerada, até mesmo a flama íntima de que eram possuidos. Aparentemente nada mais guardaram que a preocupação da forma.

Max Henrique Urena referindo-se a Heredia, na sua valiosa tradução de os "Trofeus" para o castelhano, afirma que, ao contrário do seu homônimo de Cuba, ele foi tão só um espectador inteligente que amou antes de tudo o sossego. Levado para uma vida contemplativa, afeiçoado ao estudo de história, revivendo o passado, onde buscou, com perseverança e afinco, o desenvolvimento de suas faculdades, enamorado da perfeição, foi um cincelador paciente que aspirou apresentar a sua poesia como obra impersonal, fóra de sua própria individualidade, livre, por consequência, de qualquer alusão à sua vida interior, a tudo que lhe parecesse demasiado contingente ou particular.

Mário Leão, no trabalho a que ali já expressa também, com muita propriedade, um conceito significativo que resume todo o verdadeiro sentido da poesia herediiana. Os sonetos imortais de Heredia constituem, na verdade, "uma síntese perfeita de sabedoria histórica e científica e encerram com essa síntese um profundo sentimento de verdadeira poesia".

Realmente, tomemos no acaso, entre suas obras primas, "Après Cannes" e "La Trebia", instantâneos históricos da época do Império romano.

Notam-se, evidentemente, o sentido claro e objetivo do quadro, a reminiscência do fato historicamente comprovado. A realidade ressalta, quase a nua, tal a força de expressão e a multiplicidade das palavras romanas científicamente exatas. E como ai se revela o artista puro e exímio, que está inteiramente seguro da atividade que desenvolve. E "Depois de Canas", é de notar que pintou uma Roma apavorada por uma obsessão: o pensamento de Aníbal. Como chegamos a sentir este mesmo temor, mesclando a nossa ansiedade com aquela dos romanos que, a cada momento, esperavam ver o gênero! Cartaginês, montado em seu elefante, descendo as encostas dos montes Sabino, sob a luta sangrenta no sol?

Em "La Trebia", o mesmo motivo histórico e mesma precisão de palavras sabiamente escolhidas. Como notamos, depois da chuva inclemente, o transbordar do rio, o cônsul Sempronius, ativo na sua glória nova, fazendo erguer os estandartes para a marcha dos leitores.

E o tom de força do último verso do soneto: "que ecoa como um longo gemido de órgão".

"Le piéissement sourd des légions e rmache".

A obra de Heredia, apesar de pequena, é tão concentrada se variedade nos seus múltiplos aspectos, que será impossível destacar, num artigo, to-

dos os pontos que interessam a um verdadeiro estudo. Não é esse, todavia, o meu escopo, nem pretendo abordar uma tarefa de tal magnitude, pois tenho consciência exata de que me falta fôlego para discorrer nesse sentido. O meu objetivo é muito mais modesto, e colma, unicamente, estabelecer uma medida justa entre o que foi dito e a realidade, sem, entretanto, apresentar negativas importâncias.

Há na obra de Heredia um soneto belíssimo que marca toda a força de sua inspiração poética. Trata-se de uma síntese psicológica de inédita alcance, a penetração histórica dos aventureiros que, como um bando de gerifalos, longe de pousar natal, lancaram-se a conquista de novas terras. Estrelas novas dão uma artifa visão dos mundos a descobrir, enquanto as fortescências das mares tropicais encontravam o sono dos capitães com miragens de ouro. Como o amor de força e de luz está amplamente caracterizada pela existência de palavras vibrantes e violentas e rimas sonoras, de vocabulários ricos de substância e fulgor.

Foram "Os Conquistadores" que me induziram a verter para o português os sonetos de Heredia. Nessa época não havia de minha parte a menor preocupação ou plano preconcebido.

Conheciu eu a tradução de Raimundo Correia, e bem me lembro de como o nosso grande poeta não conseguiu penetrar-se do simbolismo delicado, que revela o fecho desse admirável poema. Assim é que tentei traduzi-lo, por simples dilectantismo, sem alimentar nenhuma pretensão literária.

Uma coisa puxa outra, um soneto arrasta os demais. Quando remeti ao sr. Mário Leão 10 produções, que me pareciam melhor trabalhadas, já me havia aventurado amplamente neste terreno difícil e complexo de verdadeiras elocubrações poéticas. No comentário que fez acerca dos meus despretenciosos trabalhos, o sr. Mário Leão escolheu, dentre eles, para apresentar ao público, a tradução de "Velho Ourives". Fez isso naturalmente, porque conhecia perfeitamente a bela técnica de ourivesaria com que foi composta esta peça de fino labor literário. A arte sutil e caprichosa que presidiu a realização de "Le Vieil Ourfe" permitiu a Jules Lemaître fazer algumas observações que o sr. Mário Leão achou de bom alvitre recordar.

Aquele dizia: "Acreditais que seja possível substituir, sem prejudicar o soneto, as rimas que nele foram usadas? Notai, em primeiro lugar, que diversas palavras, que fornecem as suas rimas, são palavras essenciais do vocabulário do ourives e do armeiro. Além disso, sente-se muito bem que uma rima aberta, em être ou em ate, por exemplo, não teria cabimento aqui, e percebemos que o i, vogal aguda como a espada, fina e delicada como as joias, é que devia dominar no final dos versos. Sem dúvida a rima em rie (pierrière, fleurie, orfèvrerie) não teria sido mal escolhida; mas quem não sente que a sibilante adoçada, que se ajunta à vogal aguda (frise, irise), nos leva a imaginação à arte de cincelar, de fazer um estilete aguçado ferir um metal?"

"Severino Montenegro", afirmava Mário Leão, não pode ter, em sua tradução, essas preocupações estéticas e técnicas — preocupações de poético e de ourivesaria, como as teve Heredia. Parece-me, entretanto, que a sua tradução do dísciloso soneto é digna de louvor.

Na verdade não fiz, nem poderia pensar em telas, naquela ocasião em que iniciara a realização de uma tarefa sem base suficiente para me aperceber claramente do que estava produzindo.

Essa circunstância levou um crítico de Campos do Jordão a escrever ao ilustre homem de letres, protestando contra os louvores que me foram creditados, pela sua admirada pena.

Grande período já decorreu daquele tempo a esta parte, para que me seja licito comentar as observações do ardoroso polemista. Agora, cabeme, somente, dizer que muita coisa do que disse ressava certo, com exceção de que eu pudesse alimentar maiores pretensões quanto ao meu trabalho e o soneto que apresentou, em substituição, obedeceu aos rigores da técnica herediiana, mas uma peça de indiscutível mau gosto.

Por optativo, devo reproduzir aqui o soneto em causa: a tradução antiga e uma nova, vestida agora de novas roupagens que proporcionam simplicidade mais justa com o original. Assim o leitor poderá apreciá-las, comparando as duas traduções:

O VELHO OURIVES

Melhor que outros, pesar do renome e grandeza, Jimenez, Becerril, Ruiz ou Arfeu ousado, Berlito e rubis e anforas hei lavrado, E tua aza sei torcer com perícia e leveza.

Em prata e sobre o iriado esmalte que a embeleza, Esculpida deixa, — a alma tendo arriscado, — Não o Cristo na cruz ou o santo supliciado, Mas — vergonha — o ebrio Baco ou Danaé [surpresa,

Os cabos embuti de punhais e de espadas, E para orgulho vão da sobras condenadas, (Continua na página 12)

Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha

Hotel de l'Esterel — Cannes.

Maio, 3, 1903.

Meu caro Dr. Graça.
Faça-me o favor de ler e mandar essa carta a Mme. Ferreira. Mando-lha para ver minhas intenções a respeito dela e dos trabalhos.

E' preciso que lhe mandem de Paris os documentos impressos da Segunda Memória para organizarmos a exibição das provas certificadas e originais para qualquer exigência.

Aí vai a carta do Fialho.
Estamos todos reunidos desde ontem, e todos chegaram bons.

Muitas saudades nos seus
Do seu dedicado

J. N.

Cannes, Maio, 6.

Meu caro Dr. Graça.
A vista do telegrama do Rio Branco peço-lhe o favor de passar este telegrama em vez do outro.

No caso de telegramas desses mando-me pelo telegógrafo, somente a suma, remetendo a cópia pelo correio ao nosso cônsul eram descessárias e sobreencarregavam muito o preço.

Sei que tudo o que o faz é bom feito, e nunca lhe acho falta, estou-lhe sómente dando maior liberdade econômica.

Do seu Mto. af.

Joaquim Nabuco

Hotel de l'Esterel — Cannes.

Maio, 6.

Meu caro Dr. Graça.
Só tenho tempo para lhe enviar o cheque para os telegramas. Peço-lhe fazê-lo lances em minha conta oficial, porque tenho outra.

Muito sinto a epidemia, mas conto que terá inteiramente passado a esta hora e que Heloisa fará exceção.

Mando-lhe essa carta do Tobias em que há uma referência ao sr.

Pelo que vejo o Imperador eclipsou aí o nosso Rei. Ele é um homem de imaginação e pintor histórico. O assunto é porém sempre o mesmo.

Do seu Mto. dedicado

J. N.

Hotel de l'Esterel — Cannes.

12 de Maio.

Meu caro Amigo,
Estou aqui tão bem, suínhos no hotel, que só não fecha por nossa causa, em um parque, numa cida-de de jardins, que considero uma fortuna podermos ficar mais uns dez dias. Neles adorarei muito a minha Memória e só me restará depois de maio uma com páginas que dividirei pelos meses que ainda terno, fólio a fólio, de 8, mesmo de 16 páginas, autores e impressores me podem facilmente acompanhar. Estou, porém, quase precisando já dos meus calções deixados ali para o Vélo mafos trazer mais tarde, e seria mesmo muito melhor se os tivesse comigo. Não preciso dele por enquanto, nem do Raul, mas preciso do primeiro logo que tenha acabado esta minha primeira tarefa, e do segundo talvez ao mesmo tempo, porque ele (Raul) é que vai ser o portador do original e o Impressor-Mór. ou Superintendente das impressões da segunda Memória. Do Vélo preciso quanto a esta para a fixação do original, que precisa de ir com diversos trechos copiados.

Como fazer, porém, para ter aqui sem demora os meus calções não vindo nem deles? Cannes é um Paraíso, mas está tudo agora solitário, parecendo encantado, e exceto pela vizinhança de Monte Carlo eu não quisera condonar nenhum deles a este destino, além de que neste momento tudo me interrompe, estou em condições ideais, de absoluta liberdade, para o trabalho, e por isso tenho caminhado tanto que me sinto desoprimito. Um portador inteligente, que viesse como um fuzil, (armado de um salvo-conduto para a alfândega), com bilhete de ida e volta de 2^o, seria talvez o melhor. Ou assim: tomar uma passagem de 3^o sem portador, fazer com esse bilhete despachar a bagagem para Genova, remeter o bilhete pelo correio ao Martins. Não, há muito perigo em tudo isto, tratando-se da causa pública. O melhor é o portador seguro, os Barros Moreira que tem o gênio de um Whitley, arranjaria logo esse artigo. Ainda não sei suas intenções nem as dele, e isso em parte faz que eu não saiba os mínimos.

A esta hora Dona Yaya deve estar livre da vacina romana. Muitas saudades nossas. Os meninos também estão enciosos.

Do seu Mto. dedicado

J. N.

P. S. — Não faça nenhuma injustiça no Cardoso. Ele mesmo é uma Irmã de Caridade. Se rececionou mais pelos outros, e por supor que a nossa amiga estava perdida e não podia ser útil sem matar-se mais depressa no meio de estranhos.

Não houve egoísmo na preocupação, mas interesse pelos filhos que não conhecem o perigo e extremos não tornariam a menor cautela, como mesmo em família, se deve tomar. Não queria sombra na sua efelção por ele, ainda menos lancada, involuntariamente por mim.

J. N.

Vão esses bonbons para o Raul. Os meus Jornais do Comércio de 12 a 15 de abril não me foram remetidos daí. Senti tanto quanto perco assim os três primeiros artigos do Tobias sobre a Chanaan Paranaense. Veja se os acham. Esse serviço não me parece feito com a severidade do impecável Wagborn, o trincosecretário de Southwell Gardens. E Temistocles? E Heloisa? Estou sempre a estimular os meus com os progressos deles ali em Roma pelo que me disse

Hotel de l'Esterel — Cannes.

Maio, 18-1903.

Meu caro Dr. Graça.

Estive trabalhando muito ativamente na Réplica e parei. Foram uns vinte e tantos dias de muito resultado, tenho, porém, medo de faire sauter la machine. Por isso descanso esta semana, o que quer dizer que tenho tempo para pensar nos amigos de... que me esqueceram. Até sábado devemos estar em Genova. A Itália decididamente me conquistou e sinto falta dela. Cannes é um paraíso, mas artificial todo ele, isto é, os jardins e as praias. Parece só ter plantas decorativas e flores condensadas à perfumaria. Uma deslizaçâo dubin em plena Bagdad, é para fazer desatar a vista das rosas! Ruskin não se dará bem entre estes jardins e parques, nem o meu velho Taupiphone.

que detestava o conventionalismo, sobretudo na natureza. A cultura das flores, a indústria, e o "milhão", tiram em grande parte a frescura desse cenário, exceto, esses preconitos, admiráveis. O mar mata o lago, e por isso aqui não se compreende o prazer de voltar à Suissa. O hotel está somente aberto por nossa causa, não tem outros hóspedes, estamos portanto em uma grande vila, servidos por automóveis que não nos dão nenhum incômodo. Em tais condições trabalhei a valer, mas, como lhe disse, cansei. E' uma grande empresa em que me meti. Sinto a necessidade de muito isolamento para o trabalho, de muitos amigos para a distração, de uma biblioteca para as consultas, de tradutores, copistas e auxiliares perto, dos livros, que tenho em Londres e dos que tenho em Roma, do Trope e do Huillard, de um bom clima de verão e outono, de ótimo, de ir a Roma, de tratarmos de os ouvidos, de vir às águas, de contentar a todos que me ajudam, etc., etc. (não falando da mão me arruinaria com as vingens), e não sei como conciliar tudo isso.

Aqui está o que tenho feito: Escrevi bôa vontade da Memória! Deixo o resto para junho. Preciso agora dos meus calções; não tenho necessidade indispensável do Vélo, mas é bom que ele venha, preciso, porém, muito do Raul, a quem vou encarregar um trabalho de muita atenção, cuidado e trabalho. Peço-lhes que ate segunda-feira próxima estejam em Genova. Seguramente o Vélo com os calções deve estar lá na segunda de manhã. Se não faz-me perder um dia! Enquanto não passar o prazo dos 40 dias, tento que estar à espera dos documentos, se vêm ou se não vêm, e chegados, ou não, terrei que ir a Roma. Quero ver se em Genova adianto bastante o meu trabalho. Estou muito contente com a réplica, mas estou com grandes pretensões e o prazo é curto, e se não tiver um intervalo de descanso chego as fim sem a presença precisa para as últimas demonstrações. Estou, porém, ora, muito satisfeito, dei com verdadeiros veios na minha mineralização subterrânea. Se não vencermos estou convencido que não terá sido pela defesa que fia.

Dê-nos notícias suas, de Dona Yaya e dos meninos. Ainda a julgamos marcada pela erupção romana. Precisamos novo boletim.

Muitas lembranças afetuosa-s a todos da Via delle Murat e do Corso e do Vaticano.

Do seu Mto. sinceramente
Joaquim Nabuco

Diga tudo isso ao Barros Moreira. Vejo com intenso prazer que o Rio Branco se vai esquecendo dele. Não me parece natural passando este ano que mande outro colher o que ele está fazendo. A propósito que diz o Cora? O Matias de Carvalho talvez possa também dizer alguma coisa. A esta hora alguém já deve estar estudando a questão. Quem será? Quem é? Não tenho tido nenhuma reportagem a esse respeito. Há tanto segredo assim em Roma? Por ora infelizmente só me posso ocupar das Memórias que restam, não tenho um minuto a perder e não posso estar ali. Mas o Encarregado de Negócios deve estar vigilante e informar-se. Diga-lhe isso.

J. N.

Cannes, 19 de maio de 1903.

Meu caro Dr. Graça.

Deixei de trabalhar há três dias e agora preciso de receber o que ai ficou. Há a trazer dois calções n.º 2 e n.º 5, um pacote de livros, e o Atlas inglês, tanto o apresentado agora, como o apresentado na questão de Venezuela. Este creio que eu não separo para me ser trazido, mas está no Caixa dos

Atlas. Espero ter tudo isso, com ou sem Vélos, na próxima segunda-feira em Genova. Apesar de ter feito muito, o que me resta a fazer é tanto que não posso perder um dia.

Estes dias de descanso que tormei têm sido de liquidação de atrasados de correspondência, etc.

Até sei de ninguém, nessa imensa treva vejo apenas o Costa sobre as ondas lutando contra a corrente!

Realmente tem sido um jogueiro dos Ministros! No fundo eu creio que ele gosta dessa agitação. Agita-se pelo menos tanto que não deve ser-lhe muito sensível se o agitar.

Do seu Mto. Af. e dedicado
Joaquim Nabuco

mando conhecimento da situação.

Do seu Mto. Af.

Joaquim Nabuco

Hotel de l'Esterel — Cannes.
23 de maio 1903.

Meu caro Dr. Graça.

Ontem escrevi-lhe um tanto cansado, portanto nervoso, sobre Madame Ferreira. Não quer, porém, que ela se torne o centro dos trabalhos da 2^a e 3^a Memória, e se a residência dela, em vez de um local neutro, fosse escolhido para sede, isso importaria em uma eleição. A eleger alguém eu decididamente elegia o Ruffier. Voila tout! O Zaguary escreveu-me, pedindo que a licença fosse com ordenado... para cantar! Responde-lhe que não era certo tomar a cigarro quando o viesse o inverno. Não me servi dessa imagem.

Hoje partimos para Cannes.

Domingo estaremos em Genova. Sua carta me abala muito. Com os seus amigos que são muitos e influentes e dedicados talvez possa crear uma posição boa e independente no Brasil.

Devolvo-lhe a carta do Machado. E' somente para lhes transmitir o conforto que me causa a altitude sempre igual do chefe. Lembra-se que eu pedira uma benção do peito para os seus cardenais de Roma. Ele não manda a bênção, porém, como cura de aldeia! Que sonhos nós temos isso! Envergando-me de ter tido a idéia dos cardenais. Alias a jovem figura dos dois outros faz pensar em cardenais do Renascimento! Nós não temos a língua Católica. Mesmo no seio da nossa pequena igreja local os portugueses, que também formam aldeia, nos consideram cismáticos. Até breve. Do seu de Coração.

J. N.

Hotel de l'Esterel — Cannes.

21 de maio 1903.

Meu caro Amigo.

Como Mme. Ferreira é sua própria epiderme, e não quer que isso desgastá-la, nem decidir nada a respeito dela sem seu conhecimento, peço-lhe que leia, e encaminhe essa correspondência, fazendo o possível para ela não se querer subtilizar no Ruffier, matando-a e deixando-me no meio do caminho, como com a Primeira Memória. O sr. compreende bem a minha posição. Mas não lhe posso falar como amigo. Ela sente sempre o chefe. Mova-a portanto direito dai, to-

(Continua na pág. 12)



“Não ha maior Beleza”

UNIVERSAL

Geneva

RELOGIOS E CRONOMETROS DE PRECISAO

A VENDA NAS BOAS CASAS

"O CORVO", DE EDGAR POE

I

Desta amarga existência em certo, amargo dia,
A hora da minha noite, angústia e profana,
Eu de velha doutrina, as páginas relia
Curvo ao péso do sono e da fadiga insana.

Mal do meu pensamento a direção seguiu
Por essa hora de horror em que da treva emanava
Toda em funda hediondez, desoladora e fria
Da atra recordação, a atra saudade humana.

Foi assim: que senti, do meu triste aposento,
Como um leve susurro a passar, lento e lento,
E uma leve pancada a bater nos numerais.

Disse comigo: é alguém que pela noite fora.
Vem, retarda visita, e retardá-se agora...
A bater mansamente à porta, nada mais!

II

O se o recordo, e vêm num hinvenir brava,
O rispido e glacial Dezembro decorria
E da lareira no chão, cada braza lançava
O supremo fulgor da sua letita aguda.

E eu a esperar, em vão, a aurora que tardava
Queria, em vão, achar nessa velha teoria
Contida no volume antigo que estudava,
Um consolo querer à dor que me punha.

Em vão! consolo, em vão! à minha dor profunda
Em vê-lo repousar, em vão! à alma que se me inunda
Desta imortal saudade nos prantos mortais.

Porque jamais se esquece, alma consoladora
Como essa que nos céus é chamada Eleonora,
Nome que nunca mais ouvireu, nunca mais!

III

Ante o vago oscilar, indefinido e brando
Das cortinas que o vento, no leve, sacudia.
Ei-me o coração sinistramente entrando
O sombrio terror da noite erma e sombria.

Um tétrico pavor que então desconhecia
E que me estrangulava o peito miserando.
A alma, sem compaixão, de dúvida me encilia
E pouco a pouco foi meu ser avassalando.

Esfafim, para volver à ambicionada calma
E a coragem, de novo, amparar-se-me d'alma.
Repetia a mim mesmo estas palavras tais:

"Nada mais é talvez, que retarda visita
Que vem de noite em fora e entrada solitaria!
E' visita que vem, por certo, nada mais!"

IV

A calma que até ali do peito, me fugia
Volto de novo ao peito e, à coragem primeira.
Não mais vacilações, não mais mente errada!
Ao entrando rumor falo desta maneira:

"Como nesta ocasião o sono me prenda
E a pancada foi tal, tão leve e tão ligeira,
Que presto não corri; perdoai-me esta ausadia
Dama ou senhor que estais da minha porta à hombreria".

Tão receiosamente e vagarosamente
Bateste, que não fui receber-vos contente.
Como hóspede que sois e à minha porta estais.

E assim falando e olhando, escancarei a porta,
Mas só encontrei naquela hora adiantada e morta.
Treva! Treva somente! A treva e nada mais!

V

Cravo os olhos na treva e longamente a escuto,
E a treva é muda e é muda a própria ventanta.
E longo tempo assim com o próprio medo luto,
De dúvida e terror poeando a fantasia.

Sonhos que outro mortal, como eu nunca cusaria
Sonhar, me vêm num bando esmagador e bruto.
Profunda calma aqueta a quieta calmaria
Indevível é o silêncio escuro!...

A única voz humana, o único som ouvido,
E' este nome, em surdina e, a medo, proferido:
E' este nome que encerra os meus mortos ideais.

Sou eu quem o profere, eu que o frago na mente.
E um éco a repertar, repete-o vagamente:
— "Eleonora! Eleonora!" E' isto e nada mais!

VI

Entrei de novo em ansia e ardendo a estranho fogó,
Senti que dentro em mim, todo o meu ser ardia.
Ovi distintamente outra pano e, logo,
De outra pancada o som mais claro percutiu.

A essa nova impressão, volto-me e monólogo:
Talvez couça qualquer me bata à geléia.
Certeamente que sim, pois que ludibri e jogo
Do pavor de mim mesmo, eu, certo, não seria!

Fujamos, pois, do medo, ao tenebroso império!
Animo, coração! sondeis o mistério,
Se bem que a noite esteja uivando aos vendavais.

E continuando fui: Nada mais foi que o vento.
Não foi mais que o feroz, não foi mais que o violento
Fogo do furacão! Foi isso e nada mais!...

VII Tradução de EMILIO DE MENEZES

VII

Abro a janela e vejo entrar, ruídosamente.
Ampas azas batendo e ares de fidalguia.
Um magnesio corvo atílico e irreverente
Como arauta feral da noite erma e bravia.

Sem fazer o menor sinal de cortesia,
Sem um gesto sequer de hesitação prudente,
Como entrararia um nobre, alta dame entraria.
Entrou e se alojou despreocupadamente.

Vagareo e solene, ar indolente e farto,
Exatamente sobre a entrada de meu quarto,
Seguro abrigo achou acima dos portais.

Esta recordação até agora me enerva:
Sobre um pálido busto antigo de Minerva,
Rígido e senhorial, postou-se e nada mais!

VIII

A este pássaro audaz, de ébano a cór das penas,
Grave na compostura e na fisionomia,
Que ao cérebro me dava idéias mais serenas.
Que me acalmava o peito, e a sorris me induzia.

Voltando-me disse eu: "Tu que te não encemas
De altas cristas ou poeira a néstra frontaria,
Velho corvo feral que te mostras apenas.
Certo, não és o vil níncio da covardia.

Corvo! antigo viajor que das regiões da noite
Partiste a procurar um teto que te acolte.
Dize-me tu quais são teus títulos reais!

Qual a pátria ante a qual te orgulho se ufana?
Quals as tuas regiões na noite plutônica?...
E o corvo senhorial respondeu: "Nunca mais!..."

IX

Ao perceber assim que a ave me comprehendia
E que dava resposta a esta pergunta estranha
Que eu, entre espanto e medo, a medo lhe fazia.
Senti, de pasmo, n'alma um peso de montanha.

Porque ainda quem tenha uma intuição tamanha
Capaz de perceber o que outrem mal veria,
Certo, não achará neste dédico um guia
Para o tirar do caos em que a alma se emaranha!

Ninguém verá como eu, a ave negra num busto,
Sem que move o recelo e sem que a move o susto,
Tranquila espreguiçando as azas triunfais,

Ouvir a minha voz a lhe indagar o nome
E ante a curiosidade astros que me consome.
Dizer-me simplesmente a frase: "Nunca mais!..."

X

A ave hedionda, entretanto, erma, a encimar o busto,
Sobre cuja brancura as azas distendia,
Como se essa palavra o sentido mais justo
Tivesse e contivesse a suprema harmonia;

Fône do pensamento um involvôro augusto
Cheio de precisão e cheio de energia,
Nada mais pronunciou, nem ao menos, a custo.
Uma pluma moveu da plumagem macia.

Eu que continha mal tôda a minha saudade.
Apenas murmuréi: Amigos de outra idade
Tive, partiram: certo, assim também te vais!

Assim também te irás, mal rompa em luz a aurora!
Esperanças que tive assim fôtes embora!
E o corvo repetiu a frase: "Nunca mais!..."

XI

Todo o assombro em meu ser por tremor se anuncia.
Ouvindo a ave augural sem o menor estorvo,
Tal resposta me dar, com tanta analogia
Queinda asora, a lembrai-la, eco por eco a sorvo.

Certo, a frase aprendeu na triste companhia
De algum mestre infeliz cujo destino torvo,
Dor o escravizou à fera tirania,
E a sabe assim de cor, o foragido corvo!

Tantas vezes a ouviu, tão repetidamente
O seu mestre infeliz lhe fez vibrar na mente,
Que hoje a profere a rir, como a profere em ais!

De profundis! cruel de uma morta esperança.
Tão tristonhas canções deixaram na lembrança.
Do corvo êste estribilho, êste só: "Nunca mais!..."

XII

Como apesar de tudo a calma conseguiu
Fazer-me d'alma vir, do lábio, um riso, à tona,
Chegando-me ao portal, do corvo hospedaria,
Sentel-me e recoste-me a uma antiga poltrona.

Frente à frente do corvo, a alma já me sorria
E tôda entregue a mim, como quem se abandonava,
Bisco ansioso indagar que novas me traria
O fúnebre viajor que inda hoje me emociona!

Procuro compreender qual o escondido gôzo
Dâse vil e sinistro destino tenebroso
Que em dois termos resume os seus vis cabedais.

Que os seus vis cabedais, de ciência e de linguagem
Resume ao exhibir-me a tétrica plumagem
Crocitando e graxando a frase: "Nunca mais!..."

XIII

Deixa-me após ficar como quem se extasia
Entre alucinação funda conjectura,
Ante a luta da razão e a nevan da utopia,
Sem nada a me apolar a mente mal segura.

Nada mais pronunci, nem um som se me curva
E como a um ferro em brasa, a uma horrível tortura,
Da ave o olhar hostil e à perfida ironia
N'alma entrou-me o terror que as almas transfigura.

Mas a um corpo de quem vasamente resona,
Recosto-me ao espaldar dessa velha poltrona
Que eu para ali trouxera em ânsias infernais,
E vejo a luz bulhar sobre o roxo veludo

Em que por tanta vez d'Elia o semblante mudou
Brilhou, mas nunca mais brilhará! Nunca mais!

XIV

Sinto assim a envolver-me uma nuvem de incenso,
Sôta de um incensório oculto que pendia
Das invísiveis mãos de anjos que em círculo extenso,
Revolvam roçagendo a ampla tapeçaria.

Haurindo o ar aromado e de bálsamo, denso,
De círculo para mim mesmo exclamei em gritar:
Infeliz! infeliz! Um Deus piedoso e imenso,
Pelos anjos te manda o repouso e a alegria!

Do nepentes é o sumo! El-o, bebe-o! El-o, esquece!
El-e a seara do bem, do esquecimento a messe!
Nele ouvirás a voz dos gozos celestiais!

E o nepentes ideal que Deus te manda agora!
Bebe-o! Bebe-o! olvidando a tua morta Eleonora!
E o corvo crociou de novo: — "Nunca mais!..."

XV

Pássaro ou Satana, ave de profecia,
Sejas ave ou Satan, sempre hás de ser profeta!
Venhas do teu inferno ou da brava hinvenira,
Que naufragou te fiz, acalma esta alma inquieta.

Já que a noite exigiu, no voo que te guia,
Que caísses aqui, onde a angústia secreta,
Onde o secreto horror tem teto ou moradia,
Do pouco que disseste o sentido completa!

Dize-me, por quem és, se neste mundo triste,
Existe algum repouso, algum consolo existe
Para estes meus crucis, sofrimentos mortais!

Existe essa mendaz bálsamo da Judéia
Que, da saudade, a dor nos arranca da idéia?
E o corvo, inda outra vez, repetiu: "Nunca mais!..."

XVI

Profeta ou Satanaz, negro ser da degraça!
Profeta sempre atroz de negra profecia.
Pelo anil deste céu que sobre nós se espacia,
Pelo Deus, todo luz, que em ambos nós radia,

Dize a esta alma sem luz e de dúvida baça,
Baça de incertidão e de melancolia,
Ser-lhe-á dado abraçar o anjo que entre anjos passa,
E de cujo esplendor hoje o céu se atavia?

Ser-lhe-á dado abraçar a virgem pura e santa,
Virgem casta e piedosa e que os anjos encanta
Com seus gestos de encanto e encantos virginais?

Ser-lhe-á dado abraçar, oh! dize-o sem demora,
A rótula, radiosa, a radiante Eleonora?
E o corvo rouquejou, rouquejou: "Nunca mais!..."

XVII

"Que esta palavra, enfim! de negra profecia
Do teu regresso o inicio ambicionado seja!
Regressa ao reino teu, à noite que te envia,
A noite plutoniana, essa que em ti negreja!

Volve! Cala essa voz que me fere e angustia!
Reentra no temporal, volve à tua peleja
De lá foras e não fique uma só pluma esguia
Neste chão, de tua vil plumagem malfeita!

Não quero que de ti uma reminiscência
Fique neste de dor, sagrada residência,
Sobre a qual distende as azas funerais!

Vai-te! Deixa da deusa a face casta e branca!
Arranca-me do selo as garras via, arranca!
E o corvo crociou de novo: "Nunca mais!..."

XVIII

E o corvo permanece em perpétua estadia,
Sinistro a repousar, do mármore, à branqueira.
Quem o contempla assim pela verdadeira Jura,
Que algum sonho feriu seu aspecto amuleto.

E' um demônio a soñar sonhos que o inferno cria
E que lhe enrijam mais a rija catadura,
Tal o fulgor do olhar que os olhos lhe alumia
E com que a própria sombra lhe sondar procura.

Essa sombra que a luz da lâmpada suspensa
Faz refletir no chão, qual alva nuvem densa,
No mesmo chão negra em linhas sepulcrais:

E desse âmbito negro, esse âmbito de sombra,
Minha alma que da dor da saudade se asombra,
Nunca mais salvirá! Nunca mais! Nunca mais!

(Veja "Autores e Livros", vol. 9º, pág. 22, 51,
52, 80, 111, 147).

A VIDA DOS LIVROS

(Continuação da pg. 7)
tria, incômodo, passa...
o coração, revela imagem
de um mar quebrando contra
o cais!

LIMA, PEREIRA — Mundo Futuro

Na época da propaganda da Abolição e da República, multiplicou-se no Brasil o grupo das poetas políticos. A enfermidade foi grave, e atingiu até os poetas mais líricos, os que pareciam mais distantes de tal ameaça. Glávio Bião, por exemplo, foi vítima dela, e escreveu uma frágil saudade no 15 de novembro. Mais grave ainda foi o ataque de que sofreu Raimundo Corrêa, poeta todo-arte, todo-pensamento e sensibilidade, que entretanto incluiu nas Sinfônias uma série de poesias políticas ou sociais, que ficou sendo a parte mais frágil de toda sua obra.

Como nos anos de 1880, temos agora uma tal ou qual florada de poesia política e social. Este livro do Sr. Pereira Lima pertence a tal corrente, desde o título que ostenta: *Mundo Futuro* — que mundo será esse? Será o mundo, hoje misterioso e só um sonho revelado a certos venturosos — o mundo a que os homens vão ser realmente iguais e vão ser igualmente felizes, o mundo suíno, em que o homem não seja mais o leão do homem, porém o leão de homem.

Não queremos examinar mais detalhadamente certos poemas de natureza social do livro; limitar-nos-emos a transcrever, como amostra da poesia do Sr. Pereira Lima, o seu poema dedicado a Roosevelt:

Hoje morreu Roosevelt.
Deixando a humanidade estre-
lameida.
Morto antes do fim... Como
[Molhe]
Antes de chegar à terra pro-
metida.

chuva monótona, profundo
reíquo dos pristes, passionais,
daqueles que andam pelo mundo
ouvindo sempre "nunca mais"...

As covas tenebrosas,
Que só têm cinza viva?
Perfume-me de hardo enqua-
nto vivo,

Cores-me de rosas
E chama a corteza!

Antes que, em baixo, o Eros,
Com os mortos vâo dansar,
Quero os cuidados ferros
Da vida, afugentar!...

O AMOR EM CADIAS

As Musas tornaram Eros
E o deram, prezo em guirlandas,
para a Beleza guardar.
E Venus trouxe os presentes
Para o remir e comprar.
E Venus trouxe os presentes
Para o remir e comprar.
Ele, entanto, redimido,
Sua mãe pode chamar:
Gostou tanto das cadeias,
Que não quer se libertar!

LIROS E ROSAS

Oitão não me fujas, bela moça,
Porque está branco o meu capo
Ibelo
E a tua cor é semelhante
A flor no seu vigor mais belo...
Oitão! Não desprezes meus delícios,
Só porque tens cores mimosas;
Vê — nos diademas em que
Bela lirico,
Que bem resplendem junto às rosas!

O AMOR E A ABELHA

Eros, no meio das rosas,
Uma abelha, ali escondida,
Não viu. Deixa foi picado
Seu dedinho. As malas mimosas
Sucedem, desesperado,
A gritar: Eu perco a vida!
Desse drama corre para
A bela miúra Cíterea:
— "Eu morro, minha mãe!" —
Declara —
Eu morro! Expro, alma d'á!
Picou-me a serpentinha
Alada, que abelha chama
Aqueles homens da terra!"
E ela disse: — "A agulhinha
De uma abelha te dei tanto...
Julga, ó Eros, os que feres
Como há de sofrer e quanto!"

A CIGARRA

Feliz, cigarra, sempre sejas!
De árvores altas, no alto galho,
Bebedo só gotas de orvalho,
Quai rei, cantando te espantoso...
[Inexa...]

Pois tudo é teu (que importa
[os donos?])

Quanto tu vés no campo em
[festas,

Quanto carregam as florestas,
Cigarra amiga dos colonos!...

Já lhes causaste a tua pre-
[juizo?]

Nuncalos! As mortais são preciosas,
Profetizando o aíndia indeciso.

Vir da estação quente, ditosa,
Amam-to as Muças nesse en-
fanto,

E amá-la Febo, o sonhador,
Pois te ensinou tão doce canto!

Tens atributos de mortal:
Sem te acabar velhice lange,
Sábia, terrígena cantora,

Serena, sem carne, sem sangue,

— Tu és nos deuses quase igual!

Odes de Anacreonte e suas traduções, por Almeida Cousin — Irmãos Pongetti

O Sr. Almeida Cousin dá-nos, com este livro, uma contribuição precisa: a tradução das Odes de Anacreonte, acompanhada do original grego.

Anacreonte, ao que parece é hoje apenas um símbolo. Como Homero representa apenas o nome dos numerosos raposões que na infância da Grécia eram um malogro daquelas lendas, daquelas infinitas poesias, que mais tarde foram codificadas com o nome de Ilíada e com o nome de Odisséa — assim também Anacreonte não é mais senão o símbolo de numerosos poetas que escreveram Odes ao gelo do velho poeta, ao amoroso do amor, ao desejoso do vinho.

Editadas em 1554 por Henri Estienne as Odes de Anacreonte tiveram facilmente a conquista do mundo, e vieram encontrar eco em nossa língua. Existiram delas em Portugal três edições: a de Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhão (1604); a de A. T. M. (Antônio Teixeira de Magalhães) (1619); a de Antônio Feliciano de Castilho (1666). Da primeira — a de Malhão — dava-nos há alguns anos uma editora paulista uma reprodução.

Essas são as traduções portuguesas. No Brasil, é sabido que houve uma tradução das Odes de Anacreonte: a de Silva Alvarozen. Passa por ter sido a última obra do nosso poeta: morreu ele, porém, sem a ter editado, deixando-a pronta para o prelo. Extraviou-se o manuscrito, no dia do enterro do autor. Existirá ainda em alguma parte?

Fragmentariamente possuímos outras traduções do poeta grego: uma de Machado de Assis,

uma de Pires de Almeida, uma de Jorge Jobim, uma de Raimundo Corrêa; uma de Belisário de Sousa (que, cremos, nunca chegou à ter publicada, pois o autor a considerava modestamente, como um simples exercício colegial dos seus trechos de estudo grego); uma interpretação de José Bonifácio, e muitas outras que naturalmente nos escapam. Em um dos capitulos do Faburde, João Ribeiro traz um curioso paralelo da inspiração de Anacreonte com a de Gonzaga, mostrando como várias Liras de poetas inconfundíveis são simples adaptações de textos anacreontinos.

Parece, portanto, que é a primeira vez que de forma seguida e completa teremos Anacreonte transportado para o Brasil.

Do cuidado e do amor com que o Sr. Almeida Cousin fez a sua tradução dão testemunho as páginas que seguem, nas quais encantam o leitor cinco odes de Anacreonte, já anteriormente traduzidas por outros poetas de nossa língua:

VIDA VOLUTOSA

Deitado molemente junto ao limbo,
Sobre o loto vidente,
Quero me embriagar!
Que Eros, prendendo o mano
(nos ombros claros),
Venha serenamente;
A taça me ofertar!
Como o rodar de um carro, a
[vida] passa
E, em breve, cinza e ossos,
Haveremos de jazer...
Porque lancarmos sobre a terra
(aos mortos,
Já miserias destoçam;
Vinha bom de beber?
Porque andaremos perfumando
[as rápidas

"LUZES DA ALVORADA"
— Rio de Janeiro, 1948,
63 págs.

— LANTEUIL, Henri de
"O FRANCÉS DO EXAME DE LICENÇA" (CURSO DE MADUREZA) — Livraria Francisco Alves, Rio, 1948, 111 págs.

— CORRÉA, S. J. Francisco de Aquino — "FOLIREGIMUS ASCETICUM PRO EPISCOPIS A FRANCISCO DE AGUIRRE S. S. ARCHIEPISCOPO CUIABENSIS IN BRASILIA CONCINNATUR" — Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1948, 266 págs.

— "CRONOS" — Revista Bi-Mestrado de Cultural — Ano 1, n. 1 — Novembro-Dezembro de 1948. Redação e Administração: Rua Ibituruna, 43-45, Rio de Janeiro.

— TRUJILLO, María Martinez de — "MEDITACIONES MORALES. CON UN PROLOGO DEL SEÑOR LICENCIADO JOSE' VASCONCELOS" — Mexico, D. F., 1948, 176 págs.

E um livro de reflexões morais, destinado à infância e à adolescência. D. María Trujillo se baseia em lições de Seneca e Ciceron, de Eça de Queiroz, Ricardo León, Zola, Francisco de Castro, Constancio C. Vivil, Casimiro de Abreu, etc.

Seus temas são construtivos e excelentes. Não há mal em que as belas palavras que diz esta mestra severa sejam incessantemente repetidas. Talvez um dia a humanidade conairá em ouvi-la, melhorando um pouco...

— MANUEL, Madeleine Sophie-Augustine — "LES

FORCES DU LANGAGE. THÈSE PRÉSENTÉE AU CONCOURS DE LA CHAÎNE DE LANGAGE ET LITTÉRATURE FRANÇAISE DE LA FACULTÉ NATIONALE DE PHILOSOPHIE DE L'UNIVERSITÉ DU BRÉSIL" — Rio de Janeiro, 1948, 150 págs.

— SILVA, Vicente Ferreira da — "ENSEAIS FILOSÓFICOS". Instituto Progresso Editorial S. Paulo, 1948, 153 págs.

— LACERDA, Carlos — "O BRASIL E O MUNDO ÁRABE", Rio, 1948, 235 págs.

— "JOAQUIM", p. 21

— CURITIBA, Dezembro de 1948.

— BUENO, Maria Teresa Galvão — "TRÍPTICO POÉTICO". F. Briguet e Cia. Rio, 1948, 196 págs.

NOTA: Só daremos notícia nesta seção dos livros que nos chegarem às mãos.

NOVO LIVRO DE MORAVIA

A Editora IPE, de São Paulo, que acaba de dar "Os Indiferentes", de Alberto Moravia, anuncia para Janeiro próximo, outro romance de grande êxito do já famoso autor italiano — "A ROMANA".

DICIONARIO BIO-BIBLIOGRAFICO BRASILEIRO

Iniciaremos, em um dos próximos números a publicação do Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro, organizado por Mário Leão. Tratando-se de uma obra de amplitude vastíssima, não foi sem grande relutância que tomamos a deliberação de incluir-lhe nas páginas de AUTORES E LIVROS. Mesmo conseguindo em cada um dos nossos fascículos reservar-lhe em média quatro páginas — só ao cabo de muitos anos a teríamos dado por inteiro ao leitor.

O Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro abrange notícias biobibliográficas acéreas dos autores nacionais, mortos ou vivos, séclos dos autores estrangeiros que trataram do Brasil, dos autores estrangeiros que estão traduzidos para a nossa língua, os mais eminentes, é claro, os pseudônimos literários, os jornais, os grandes fatos literários. Com a inclusão do Dicionário em nossas páginas, esperamos aumentar no espírito do leitor o interesse que acaso já lhe tenha merecido AUTORES E LIVROS.

AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mário Carneiro Leão

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro Cr\$ 60,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Laerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2.º andar. Fone: 42-5825.

Impresso nas oficinas da Editora Mory Ltda.

* * *

Assinaturas e números atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar — Fone: 22-9811, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 23-1521. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farías.

NUMEROS ATRAZADOS: — Volume IX em diante — nos dois últimos pontos acima e na redação. Volumes anteriores (primeira fase) — somente na redação.

ALGUNS MORTOS
DE 1948

(Continuação da 1.ª página)
dos de almas, o analista minucioso do *Espelho de Casados*; Roberto Simonsen, o autor já agora clássico da *História Económica do Brasil*; Fernando Nery, o grande estudioso da vida e da obra de Rui Barbosa, o erudito editor dos *Apólogos Dialogos*, de D. Francisco Manuel de Melo...
Esses, entre tantos outros, os prosadores.

O que dizer então dos poetas? Foram vários os poetas brasileiros que o ano de 1948 arrebatou para as eternas almas...

E em primeiro lugar lembramo-nos a figura daquele guavíssimo Júlio Salusse, o autor dos *Cisnes*.
A vida — manso lago azul
...algumas vésperas mar
freneticamente...

cantou ele, na sua mocidade. E o soneto amoroso em que assim falava ficou eterno... Nilo Brizzi — que foi o mais constante dos amigos de Júlio Salusse — revelou, num esplêndido artigo do *Jornal do Comércio*, o segredo da paixão do poeta: esse segredo chama-se Laura de Nova Friburgo. E foi para ela, para essa Laura que lhe inspirava tão puro e tão alto amor, que ele escreveu aquelas deliciosas quatorze versões dos *Cisnes*, como escrevera tantos outros.

Depois de Júlio Salusse, Harold Daltro (que aliás faleceu antes do autor dos *Cisnes*). Harold Daltro era um poeta mais moderno, e cultivava outros modelos, menos românticos, mais cotidianos. Morreu da maneira mais dramática. Em um dia de Carnaval foi atropelado por um automóvel em uma praça pública. Levado para o hospital, faleceu. Seu corpo foi conduzido para o necrotério, em cuja mesa de mámore se achava deposito, para ir ser conduzido para a vila comum, sem identificação... Não fôsse a piedade insistente de um amigo, que, dando por falta dele, se dispôs a procurá-lo por todos a parte, teria o seu corpo desaparecido nesse recanto mais triste do cemitério, onde vão dormir os últimos abandonados da fortuna...

Depois foi Júlia Cortines, essa doce velhinha, que na mocidade fôra figura de real prestígio em nossas letras femininas. Estava de há muito enunciada a sua meiga voz, reduzida agora a compassos leigues e raras melodias, que Júlia Cortines escondia ciumetamente...

E foi afinal Leal de Sousa. Esse era um poeta ardente, cavalheiresco, inflamado, como um legítimo gaúcho. Nasceram os pais gos do Sul, e ao se fazer conhecido no Rio estava sempre o seu nome irmanado com o de Aníbal Teófilo, com o de Gregório Fonseca, com o de Alcides Maya. Seu estilo era inflamado, e ele escrevia versos veementes, de sabor desates:

Minhas avós foram formosas
E meus avós foram heróis...

Martins Fontes, que tanto e tão desveladamente o amou, viu

O RIOSINHO

MUCIO LEÃO

No fundo mais profundo da minha saudade dorida
Flue a corrente suave de um rio tranquilo e obscuro.
Rio que foi um dos meus primeiros companheiros
E que brinco comigo no tempo da meninice.

Pela manhã, as águas neordavam brancas e transparentes,

Tão transparentes e tão brancas
Que os meninos mergulhavam,
Para ir apanhando um alfinete,
Que se jogasse lá no fundo.

Podiam-se ver os piabas, que nadavam buscando alimento.

Podiam-se ver os camarões e os pitões,
Que saiam das locas, debaixo das pedras.

Tico só ia tomar banho pela madrugada, ainda meio escuro.
E a cada mergulho que dava, gritava, entusiasmado:
— Ai, que maná! Ai que delícia!

Mas depois as águas iam escurecendo...
Vinham as lavadeiras,
E levavam a roupa suja na água limpa do rio.
Vinham os donos dos cavalos,
E lavavam os animais cansados na água fresca do rio.
Vinha toda a gente
E despejava as coisas ignóbeis da povoaçao na água
(virgem e cheirosa do rio).

E o rio ficava imundo das imundícies que os homens
lhe davam,
E que ele ia carregando, alegre, para o mar tão longe...

Havia lugares em que o rio era melhor, o banho mais
(delicioso):

O Passarinho,
A Caixa d'água, onde um dia morreu um homem,
O alto de seu Morro, onde um dia eu beijei Rosa.

E o rio fazia milagres também, quando era preciso:
Não era de lá que Bento Milagroso tirava a água para
as suas garrafinhas.

A água que ia curando todos os doentes?

Quando o trem dosromeiros chegava,
O pátio da estação se encheu de infelizes.
Eram ceguinhos e paralíticos.
Alejados exibindo chagas que lembravam flores,
Como as dos mendigos de Antônio Nobre.
Tísicos que se arrastavam cuspidos os pulmões,
E cancerosos e mortífcios, cheirando de longe.

Mas um dia a polícia proibiu o trabalho do curandeiro.
E a água bõa do rio deixou de fazer milagres.
A perna de Pedro Cotó, que já estava crescendo, voltou para o mesmo lugar.

Rio humilde e suave, rio limpo e imundo, rio inciente e infantil...

Rio que flue agora
No fundo mais dolorido das minhas recordações...

AS COMEMORAÇÕES
A RUI E A NABUCO

nele um Mahaima, um Professor, um Eternizador. Nos últimos anos, Leal de Sousa tinha-se transformado no mais vibrante propagandista das verdades do Espiritismo. Esta, a estas horas, verificando se as adivinhações que fazia enquanto estava na terra, tinham realmente razão de ser...

Eis ai algumas das figuras ilustres da vida brasileira que o ano de 1948 nos arrebatou. A essa galeria podemos acrescentar mais alguns nomes igualmente expressivos: o de D. Maria Augusta Rui Barbosa, o de D. Evelina Nabuco, e de Eugénia Alvaro Moreira, o de Leal Costa, o de Olinto Magalhães...

Ainda acham pouco??

Pintei, com o riso d'alma, e escupi a burla.
Não Cristo na cruz ou Santas na grelha hostil,
Mas — vergonha — o ébrio Baco ou Danaé surpresa.

Os cabos embuti de espodas e punhais
E, para orgulho vão das coisas infernais,
De minha vida eterna empenhei o tesouro.

E vendo para o ocaso a idade me inclinar,
A Frei João de Segóvia eu quisera imitar.
Cinzelando ao morrer uma custódia em ouro.

No nove tradução procurei, tant quanto possível, seguir as razões que presidiram a elabora-

BARBOSA LIMA SOBRINHO

Viajando pelo Constellation", chegou ao Rio de Janeiro, no dia 28, o sr. Barbosa Lima Sobrinho, governador de Pernambuco. O ilustre académico veio à capital da República a convite expresso do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, afim de fazer uma conferência acerca da Revolução Prairiense.

Essa conferência realizou-se na tarde da última terça-feira (28 de Dezembro) finado. Barbosa Lima Sobrinho esteu, em sua conferência, aquele memorável momento da vida e da alma de Pernambuco, pondo em destaque certos aspectos que até hoje têm ficado na

EDIÇÕES DE DEZEMBRO

Para as festas de 25 de Dezembro e fim do ano, o IPE de São Paulo anuncia o próximo lançamento dum dos mais curiosos livros infantis até hoje publicados no Brasil: "As Caçadas de Tio Vicente", de autoria de Mário Donato. Com profusa coleção de desenhos apropriados, trata-se da história aventureira das viagens de Tio Vicente através dos cinco continentes.

O IPE promete ademais o esperado lançamento de "Teia a Poesia de Guilherme de Almeida", já nos prelos de suas oficinas gráficas, e que deverá entregar num só volume de 700 páginas, a "opera omnia" até hoje composta pelo conhecido cultor das modernas letras pátrias.

A "História da Revolução Soviética", de Chamberlain, será igualmente lançada nos primeiros dias de dezembro, seguida por "Organização Social dos Tupinambás", de Florestan Fernandes, da cátedra de Etnografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

CARTA AO CONDE...

(Continuação da 5.ª página)
livres para as levantar ao céu, e encorendar a Deus os mesmos a quem não crevo, com muito maior correspondência do meu agradecimento, porque uma carta em cada frota, é memória de uma vez cada uno; e as da oração de todos as horas, são lembranças de muitas vezes cada dia. Estas ofereço a Vossa Excelência sem nome de despedida, e posto que em carta circular e comum, nem por isso esquecido das obrigações tão particulares que a Vossa Excelência devo, e me ficam impressas no coração, Deus guarda a Vossa excelência muitos anos, como desejo, com todas as facilidades desta vida, e muito mais da que não tem fim Bahia, dia de Santo Inácio, 31 de julho de 1694.

ção ao soneto original. Descrevi somente o uso dessa rima em Isa, correspondente ao Ise francês, porque jamais aceitaria traduzir Danaé surpresa por Danaé indecisa, o que me induziu a conservar o som homônimo esa. E ainda não quis também usar o infinitivo para remate do último verso, pois que esta transposição corresponde a um verdadeiro aleijão estético de que não se deu conta o desavisado crítico a que me referi.

Ao que parece — e os leitores poderão verificar — não houve vantagem alguma, ao menos quanto à musicalidade dos versos. Se é de se desdenhar a primeira, a segunda não escaparia à mesma sara.

Defeito do tradutor? Quem sabe!

Como me tornei tradutor de Heredia

(Continuação da página 8)

De minha vida eterna empehei o tesouro.

E agora que a inclinar para o ocaso me vejo,
De Frei João de Segóvia igual sorte desejo.
Morrer a cinturar uma custódia em ouro.

Agora a nova:

Mais que os mestres de glória, apesar da grandesa,
Quer seja Ruiz, Arfeu, Jimenez, Becerril,
Berilos e rubis cravei em joias mil,
De um vaso a alicá torci com pericia e leveza.

Em prata e sobre o iriada esmalte que a embeleza